

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Ricardo Paiva de Toledo Piza

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA ADOLESCÊNCIA E O PAPEL
DA FAMÍLIA: UMA LEITURA WINNICOTTIANA

São Paulo

2011

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Ricardo Paiva de Toledo Piza

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA ADOLESCÊNCIA E O PAPEL
DA FAMÍLIA: UMA LEITURA WINNICOTTIANA

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no
curso de Psicologia, sob orientação da
Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Tosta.

São Paulo

2011

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às pessoas que fizeram parte da elaboração deste trabalho direta ou indiretamente, e a algumas das pessoas que fizeram parte da minha vida na PUC-SP durante todos estes anos.

À Prof^ª. Dra. Rosa Maria Tosta, pela confiança que me passou em sua orientação deste trabalho.

À Prof^ª. Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra, por ter aceitado ser a parecerista deste trabalho, por ter me apresentado à psicanálise de Winnicott e, principalmente, por sua disponibilidade em ter participado da minha formação acadêmica de maneira tão importante.

A todas as pessoas que dividiram comigo as alegrias e as dificuldades dos anos de faculdade, meu amigos Pepeu, Gu, Cá, Maria, Mamá, Jojoba, Vic, Vini, Carol, Paulinha Ávila, Reca, Má Risi, Má Feffer, Vivi, Elisa, Thaís, Bru, Paulão (Fábio), Ana Júlia, Vicente, Mendão, Otti, Thiagão, Brunheca, Cegão, Paulinha Albertin, Guizum. À Juju, pelo amor e pela paciência em me esperar tantas vezes até de madrugada, enquanto eu fazia este trabalho. Não consigo pensar como teria sido esse tempo sem eles, e espero que continuem a fazer parte da minha vida, agora também como colegas de profissão.

Aos meus pais, pelo apoio e compreensão sem os quais não teria podido fazer as escolhas que fiz.

Às minhas irmãs, Júlia e Luiza, a quem dedico este trabalho e com quem aprendo sobre adolescência (a minha inclusive) todos os dias.

À minha avó Bebé, pelo carinho de sempre.

Ao meu tio Guco, cuja ótima influência e participação na minha vida foram decisivas para que eu me tornasse psicólogo.

Aos meus primos Sofia e Vicente, muito queridos, que são o motivo principal da minha alegria nos almoços de domingo (espero que o resto da família não se ofenda, mas não dá para competir com eles).

Ao Byington, por esses anos de escuta que me possibilitaram tantas coisas, inclusive meu desejo de ser psicanalista.

Ricardo Paiva de Toledo Piza

Orientadora: Prof^a. Dra. Rosa Maria Tosta

Desenvolvimento emocional na adolescência e o papel da família: uma leitura winnicottiana

2011

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar a adolescência enquanto uma etapa saudável do desenvolvimento emocional, levando em conta os processos maturacionais que lhe acompanham. É também abordado o papel da família enquanto ambiente facilitador para o desenvolvimento emocional dos adolescentes, a fim de lançar luz aos desafios que eles enfrentam e quais as conseqüências da qualidade do ambiente que lhes é provido. Trata-se de uma pesquisa teórica de orientação psicanalítica apoiada na obra de Donald W. Winnicott e em sua teoria do desenvolvimento emocional. Primeiramente é dedicado um capítulo ao desenvolvimento emocional da primeira infância e se faz um esboço de alguns dos principais conceitos de Winnicott sobre este tema. Em seguida, são apresentadas as idéias do autor a respeito da adolescência, enfatizando a maneira pela qual o ambiente familiar adequado responde às suas necessidades. Por fim, é feita uma discussão a respeito do papel da família de Mano, um adolescente de 15 anos, personagem principal do filme "As Melhores Coisas do Mundo". O adolescente enfrenta o desafio de romper com o círculo familiar que o envolve e que lhe dá segurança, ao mesmo tempo em que a ampliação de seu ambiente remete paradoxalmente ao retorno à situação rompida. Seu comportamento desafiante e imaturo reflete sua busca por se sentir real e por constituir uma identidade própria. A família deve enfrentar o desafio e oferecer o princípio de realidade por meio de um confronto não retaliador ao adolescente, ao mesmo tempo em que sustenta seus retornos à dependência que se seguem aos arroubos de rebeldia.

Palavras-chave: adolescência, família, Winnicott, desenvolvimento emocional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
MÉTODO.....	14
I. O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA INFÂNCIA: ALGUMAS CONQUISTAS IMPORTANTES.....	18
1. TRÊS PROCESSOS DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO: INTEGRAÇÃO, PERSONALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO.....	20
1.1. INTEGRAÇÃO.....	20
1.2. PERSONALIZAÇÃO.....	23
1.3. REALIZAÇÃO.....	27
1.4. DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO E O AMBIENTE: A PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA.....	29
2. TRANSICIONALIDADE E EXPERIÊNCIA CULTURAL.....	32
2.1. DA EXPERIÊNCIA DE ONIPOTÊNCIA AO ESPAÇO POTENCIAL.....	32
2.2. DO ESPAÇO POTENCIAL À EXPERIÊNCIA CULTURAL.....	36
3. AGRESSIVIDADE E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL.....	38
3.1. MOTILIDADE E EXPERIÊNCIA INSTINTIVA.....	38
3.2. AMOR PRIMITIVO E <i>CONCERN</i>	40
3.3. A MÃE-AMBIENTE, A MÃE OBJETO E A CAPACIDADE DE SE PREOCUPAR...43	
3.4. AGRESSIVIDADE E O USO DO OBJETO.....	45

II. PROCESSO ADOLESCENTE E A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE.....	48
1. UMA ABORDAGEM WINNICOTTIANA AO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA ADOLESCÊNCIA.....	48
2. RUPTURA E RETORNO AO CÍRCULO FAMILIAR: REBELDIA E DEPENDÊNCIA.....	50
3. AGRESSIVIDADE E FANTASIA DE ASSASSINATO.....	54
4. IMATURIDADE E NECESSIDADE DE ENFRENTAMENTO.....	56
5. ZONA DAS CALMARIAS: A LUTA SOLITÁRIA PELO SENTIDO DE REALIDADE.....	59
6. AGRESSIVIDADE, MORALIDADE E ADOLESCÊNCIA.....	61
7. ISOLAMENTO, COMUNICAÇÃO E ADOLESCÊNCIA.....	65
8. EXPERIÊNCIA CULTURAL E ADOLESCÊNCIA.....	68
9. SEXUALIDADE, AGRESSIVIDADE E FANTASIA INCONSCIENTE.....	70
10. GRUPO, ISOLAMENTO E ADOLESCÊNCIA.....	73
11. SAINDO DA ADOLESCÊNCIA.....	74
III. MANO E O LAR DESFEITO: APONTAMENTOS SOBRE A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA E O ADOLESCENTE A PARTIR DO FILME “AS MELHORES COISAS DO MUNDO”	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS.....	93

INTRODUÇÃO

Um juízo bastante comum que se faz acerca das crianças é que são criaturas adoráveis que conquistam de maneira muito natural a simpatia dos adultos com suas frases espontâneas e inusitadas e sua “inocência” cativante. Talvez possamos afirmar que, embora as que estejam no período de latência não encontrem especial dificuldade em angariar olhares de admiração narcísica dos pais e favores e mimos de tios e avós, são aquelas ainda menores os alvos preferenciais dos elogios e do amor irrestrito da família, que vê em cada gesto e balbúcio do infante uma prova inegável de sua “fofura”.

Se, em geral, a criança mais velha – com seu crescente interesse pelas coisas do mundo, sua competitividade característica e sua admiração inabalável pelas figuras parentais idealizadas – ainda proporciona uma satisfação livre de maiores contratempos para os pais e desperta facilmente o interesse dos demais membros da família, quando chega à idade de 11, talvez 12 anos, as coisas começam a mudar.

De repente, a criança fica “estranha”, talvez mais retraída e fechada, com um corpo desengonçado e uma gestualidade caricata. Talvez comece gradualmente a se distanciar dos desejos e expectativas dos pais, passando maiores períodos trancada em seu quarto e mostrando uma vontade crescente de estar a sós com seus amigos. Quando estiver na presença destes, pode até chegar a ter vergonha de seus pais, pedindo para descer do carro a um ou dois quarteirões de distância da escola para não correr o risco de que sejam vistos por seus colegas.

Talvez esses pais, ainda por cima, sejam chamados para uma inédita reunião com a orientadora da escola para discutir a aparentemente inexplicável queda no rendimento escolar do filho, ou recebam uma ligação do pai de algum colega de classe dele pedindo que venham buscá-lo numa festa na qual bebeu demais e está passando mal.

Os pais, então, têm sentimentos confusos. Ao verem seu querido filho, fruto de um investimento narcísico maciço, recusar algumas de suas manifestações sinceras de carinho e aprovação, agindo de uma maneira tão surpreendente, sentem-se bastante

frustrados. Apegam-se à idéia de que “vai passar”, que se trata apenas de uma fase, uma espécie de “mal necessário”.

Embora, dentro de uma perspectiva desenvolvimental, todas as fases da vida sejam precedidas e sucedidas por outros estágios que apresentam necessidades, angústias, fantasias e interesses característicos – e que por isso permitem uma generalização enquanto etapas do desenvolvimento – não ouvimos falar da infância ou da maturidade adulta como um “período de transição”, sendo esta nomenclatura reservada apenas para a adolescência, que parece assim não ter tanta legitimidade, atraindo certa resistência em ser contemplada enquanto um período criativo e saudável. “É só uma fase”. “Vai passar”.

Vemos assim que o senso comum traz muitas vezes como imagem de adolescente “normal” e desejado um sujeito que amadureça o mais depressa possível e aceite o quanto antes as responsabilidades e a necessidade de adequação referentes ao mundo adulto, sem perceber o valor que a imaturidade adolescente possui enquanto aspecto saudável, importante na busca por uma identidade madura e ao mesmo tempo criativa.

Segundo Winnicott (1968), a imaturidade é um critério de saúde para o adolescente; é o que lhe garante o direito ao idealismo e à criatividade. A sociedade necessita do idealismo do adolescente para se renovar e tem muito a aprender com ele, e por isso é muito importante não permitir que a imaturidade se perca num processo de falsa maturação.

Ao mesmo tempo em que os adultos têm dificuldade em perceber o valor do aspecto saudável da imaturidade, vemos que eles próprios não vêm encontrando facilidade em oferecer a seus filhos adolescentes o enfrentamento e o princípio de realidade de que estes necessitam e que poderiam ajudar-lhes em seu difícil processo de maturação. Os jovens, muitas vezes, têm um conhecimento muito maior do que seus pais acerca da informática e das novas tecnologias. Dominam linguagens midiáticas com uma capacidade de renovação e atualização incessantes e permanentes, adquirindo uma habilidade de buscar informações e de agenciar novos significados numa velocidade muito maior do que as gerações anteriores – habilidade

esta extremamente valorizada na contemporaneidade. Neste contexto, acabam adquirindo uma relação de poder sobre seus pais, que talvez não se sintam mais tão capazes de transmitir valores e conhecimentos importantes e válidos.

É notável também como o imperativo do consumo e a busca desenfreada pelo prazer imediato, legitimada pela propaganda, coloca grande dificuldade para a questão dos limites e das restrições. Se a difícil construção de ideais de ego formados a partir de identificações maduras – o que pressupõe a superação da onipotência narcísica e o abandono da busca pelo ego ideal – não é algo facilmente reconhecido e valorizado atualmente, torna-se uma tarefa complicada conferir legitimidade a qualquer tipo de tentativa de colocação de limites. Vemos então uma “... *atitude parental complacente que, respaldada por uma cultura que desacredita das ações repressivas de forma global, deixa de lado a imposição de repressões eficazes*” (MAYER, 2001, p. 88).

Além disso, vivemos atualmente atravessados por uma cultura que “... *privilegia os objetos às palavras, as ações aos pensamentos, e a satisfação imediata à espera*” (MAYER, 2001, p. 96). Tal configuração tem efeitos nefastos nas capacidades de simbolização tanto dos pais quanto dos filhos, uma vez que constitui terreno propício para a formação de ideais egóicos narcísicos e para uma baixa tolerância à frustração.

Ao discutir uma possível ruptura dos quadros psicopatológicos atuais com aqueles que eram encontrados na clínica de cem anos atrás – sendo os primeiros erguidos sobre uma problemática narcísica que não chega a passar pela via de representação, em oposição às neuroses de transferência vinculadas ao complexo de Édipo e à angústia de castração – Mayer (2001) problematiza a família atual e o suporte que esta oferece como campo estruturante do psiquismo infantil. Podemos começar a observar as implicações desse panorama para a constituição psíquica a partir do relacionamento da mãe com seu filho, uma vez que esta

... Tem que desenvolver sua relação maternal num território estrangulado pelas exigências de sua vida pulsional, de seu companheiro e de sua posição cada vez mais de protagonista da cultura. Essa dificuldade é muito mais notável naquelas mulheres

com intensas fixações narcísicas, que dedicam suas vidas a garantir seu domínio em todas essas frentes e, muito especialmente, na da maternidade. (MAYER, 2001, p. 86)

O suporte oferecido à criança no começo de sua vida por uma maternagem inserida neste contexto é de uma qualidade tal que qualquer tensão será sentida como insuportável. Não haverá espaço para o registro da frustração, importante para a discriminação entre criatividade primária e realidade externa na criança, para a inclusão do princípio de realidade em seu funcionamento psíquico e para a estruturação de seu desejo dentro de uma cadeia simbólica, o que dificulta a diferenciação entre necessidade e demanda (MAYER, 2001). Vemos que ela é colocada aí numa posição de filho ideal, em oposição ao filho real, não tendo o reconhecimento de sua existência senão dentro do campo de desejo narcísico da mãe, o que trará conseqüências problemáticas em fases posteriores.

Sendo assim, vemos que a contemporaneidade traz condições peculiares que acrescentam ao desafio da adolescência uma série de fatores que de maneira alguma contribuem para ajudar nas difíceis questões que se apresentam tanto para os pais quanto para os jovens. Birman (2006), a partir de seu texto *Tatuando o Desamparo*, nos ajuda a pensar o contexto em que vivem os adolescentes de hoje e como os atuais referentes institucionais e sociais delineiam a dimensão simbólica na qual se dá o fenômeno da adolescência.

Segundo Birman (2006), para as elites e classes mais abastadas, a adolescência vem começando cada vez mais cedo e terminando cada vez mais tarde. Desde muito cedo as crianças já são bombardeadas com exigências de performance ligadas a sua educação e aprendizado, o que se justifica por uma idéia presente no imaginário social que lhes confere o “... *status de ‘esperança da humanidade’ refletindo em si mesmas a auto-estima e as frustrações do adultos*” (VOLNOVICH, 1993, p. 20). Tal concepção da infância pode colocar as crianças numa posição não muito confortável, com uma disponibilidade cada vez menor para o brincar criativo e para a elaboração simbólica, depositando-lhes desde cedo expectativas muito difíceis.

Ao mesmo tempo, os pais de hoje pertencem a uma geração que rompeu com tradições que colocavam a manutenção da família nuclear e o papel da mulher

vinculado predominantemente à maternagem como ideais absolutos. Os projetos existenciais desses pais ocupam hoje grande parte de seus interesses e de seu tempo, e a função de maternagem – principalmente com a inserção das mulheres no mercado de trabalho – passou a ser mais uma entre outras tantas que elas exercem tanto dentro do contexto familiar quanto fora dele. Segundo Birman (2006):

“A família nuclear, como célula básica da sociedade moderna, constituída que era pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos, deixou de existir. As figuras parentais, principalmente a da mãe, uma vez que a do pai já detinha esse poder, passaram a ter projetos existenciais próprios, independentes do campo da família. Em decorrência disso, a relação dos pais com os filhos se transformou radicalmente.” (p. 36)

Indo ao encontro das idéias de Birman, Mayer (2001) afirma a respeito das novas configurações familiares:

Nelas, a vivência de desproteção dos indivíduos diante da violência e da insegurança social se reproduz no núcleo familiar, que perdeu coesão e comunicação entre seus membros. A força da autoridade parental se enfraqueceu tanto como a da tradição e dos ritos familiares, ao mesmo tempo que os laços afetivos foram ostensivamente perdendo substância. (p. 88)

Ainda segundo Birman (2006), soma-se a isso a impossibilidade de livre circulação das crianças e adolescentes no espaço público devido ao perigo da violência urbana, e o que se constata é que estes ficam muitas vezes numa condição de solidão dentro de suas próprias casas, expostos à televisão, internet, videogames, etc., e aos conteúdos adultos de sexualidade e violência aí veiculados, bem como pela mídia em geral.

A marcada diminuição dos cuidados parentais (especialmente os da mãe) para com seus filhos, e a ausência de outros dispositivos que dêem conta do desamparo em que muitas vezes eles se encontram, acaba por delegar-lhes a difícil tarefa de resolver por conta própria questões relativas a seu desenvolvimento emocional e de simbolizar conteúdos de sexualidade e violência a que são expostos.

Se, por um lado, as grandes expectativas que são colocadas sobre a criança e a crescente exposição dela a temas adultos levam a um encurtamento da infância, a

solidão, as precárias possibilidades de simbolização que lhe são oferecidas (tanto pelos pais quanto pela cultura), a proibição da circulação do espaço público (com seu impacto no registro da liberdade) e o culto à satisfação imediata e sensorial e ao consumo levam paradoxalmente o jovem a uma condição de fragilização e infantilização psíquica, a um sentimento de impotência e a um incremento da imaturidade, “... de forma que a adolescência se arrasta para além dos limites desejáveis e invade a idade adulta [...]” (BIRMAN, 2006, p. 39).

É também relevante o fato de que as dificuldades de inserção no mercado de trabalho vêm neste contexto somar-se aos percalços encontrados pelo adolescente em sua complicada trajetória, de maneira que ele tende a ter seu tempo de estadia na casa dos pais prolongado. Os pais, muitas vezes, têm suas faltas e falhas apontadas explicitamente por seus próprios filhos, e são levados por eles a se confrontarem com a culpa relativas à sua presença restrita na cena familiar.

Tolhidos pela culpa que sentem por não mais privilegiarem a manutenção da família sobre seus projetos existenciais, muitas vezes acabam evitando a oposição com seus filhos, e em certa medida legitimam sua fragilização psíquica. Encontram dificuldades para impor limites e para oferecer o enfrentamento e o princípio de realidade de que o adolescente necessita, abdicando de suas funções parentais por não se sentirem legitimados a exercê-las. Dessa forma, para o jovem, “a rebelião não faz mais sentido, e o adolescente que ganha o jogo muito depressa logo é apanhado em sua própria armadilha” (WINNICOTT, 1968, p. 156).

Outra saída drástica muitas vezes encontrada pelos adultos ao se depararem com a condição de fragilidade e infantilização de seus filhos – radicalmente oposta à citada no parágrafo anterior – é exigir-lhes um comportamento inadequado para sua fase de desenvolvimento e delegar-lhes responsabilidades precoces como forma de tentar silenciar sua adolescência. Tal atitude tampouco configura uma alternativa satisfatória, uma vez que tira do adolescente seu direito à imaturidade e ao potencial criativo que ela traz; segundo Winnicott (1968), “... tal ato pode representar uma espécie de abandono num momento crítico” (p. 156).

Se as novas constituições e dinâmicas familiares configuram um campo de ação ainda bastante obscuro para os pais, aos jovens as coisas também não parecem ser nada fáceis. Segundo Winnicott (1961), *“os adolescentes não sabem no que se tornarão. Não sabem onde estão, e estão a esperar. Tudo está em suspenso; isso acarreta o sentimento de irrealidade [...]”* (p. 123). Se, como afirma o autor, a espera e o sentimento de irrealidade fazem parte da adolescência, um ambiente que não ofereça possibilidades de conquista de autonomia (tanto financeira quanto emocional) e que tenha poucas possibilidades de trabalho e de contribuição social – devido às dificuldades de inserção no mercado de trabalho – não facilita em nada o desenvolvimento do adolescente uma vez que, ainda segundo Winnicott (1961), tais possibilidades poderiam ajudar no alívio do sentimento de culpa relativo aos impulsos agressivos inconscientes que fazem parte da adolescência.

Além da mudança na economia dos cuidados dedicados às crianças e adolescentes por seus pais, e a solidão e falta de limites a que são entregues, também verificamos, como características marcantes da contemporaneidade, a falência da autoridade simbólica, um declínio das instituições e a ausência de valores e de ideais coletivos de identificação (Herzog e Salztrager, 2006).

Não é mais possível encontrar nos dias de hoje modelos hegemônicos de identificação propagados por instituições sólidas e que proponham modos de subjetivação claros e bem delineados. Se o único imperativo cuja presença podemos generalizar com segurança é o do consumo, abre-se uma possibilidade infinita de objetos de gozo permanentemente renováveis e um terreno imenso de identificações e ideais extremamente volátil e instável. Constitui-se assim um contexto social no qual *“... a instantaneidade e a instabilidade configuram a nova ordem”* (Herzog e Salztrager, 2006, p. 81). Ainda segundo os autores, *“nos dias de hoje [...] não há mais disputa de valores, não há mais diferentes posições acerca da virgindade e do sexo, não há mais obrigações religiosas, não há mais confrontos de geração”* (Herzog e Salztrager, 2006, p. 81).

Podemos nos perguntar quais seriam as conseqüências deste panorama para o desenvolvimento do adolescente. Herzog e Salztrager (2006) afirmam que o desafio

que se impõe a ele é justamente o de romper os laços libidinais com as figuras parentais idealizadas, com as instituições, enfim, com os modelos e valores perpetuados pelas gerações anteriores e por tudo aquilo que é representante da autoridade e da tradição.

Tal revolta tem o sentido de uma busca por uma singularização e de uma tentativa de criar o novo, novos modelos de identificação, de moralidade e de relações objetais. E, por mais que tenhamos no horizonte a idéia de que, numa resolução saudável da adolescência, o indivíduo se torna capaz de “... *identificar-se com agrupamentos ou instituições sociais sem perder o sentido da continuidade pessoal [...]*” (WINNICOTT, 1960, p. 137), o período da zona das calmarias (WINNICOTT, 1961) – no qual o jovem percebe todas essas identificações como falsas e não vê alternativa senão a de rebelar-se violentamente contra elas – não pode ser ignorado enquanto uma etapa necessária e criativa do desenvolvimento. Sendo assim, percebemos que a ausência de padrões e modelos claros de identificação coletiva, e a escassez de figuras parentais que sustentem a posição de representantes legítimos da autoridade e da lei, empobrecem as possibilidades da revolta adolescente e da criatividade que lhe subjaz.

Quais seriam então as conseqüências desse panorama para os adolescentes? Segundo Mayer (2001), se para os jovens o registro da falta é cada vez mais problemático, a simbolização é cada vez mais precária e as possibilidades de representação e de historicização dos traumas são cada vez mais escassas, não é de se espantar que vejamos neles muitas vezes uma vivência de tédio acompanhado de desespero latente. Tais vivências levam os adolescentes a adotarem estratégias perigosas que dêem vazão à sua “... *necessidade de tomar atitudes que lhes pareçam reais*” (WINNICOTT, 1961, p. 123) –, tais como comportamentos de risco e buscas por choques de adrenalina, que configuram uma tentativa desesperada de recusa do sentimento de irrealidade.

O tema da adolescência aparece, então, imbricado num contexto social e familiar que pode muitas vezes oferecer-lhe poucas possibilidades de enfrentamento e de oposição. Além do isolamento que o próprio adolescente necessariamente vive por ele próprio não desejar ser entendido (WINNICOTT, 1961), os adultos têm dificuldade

em compreender o lugar de onde lhes falam seus filhos adolescentes e em dar um sentido próprio para seus comportamentos característicos.

Desta forma, percebemos a relevância do estudo da adolescência e de qual o papel da família enquanto ambiente facilitador para o desenvolvimento emocional e para a saúde psíquica do adolescente – relevância amplificada pelas novas configurações familiares do cenário contemporâneo e pelos problemas que o acompanham. De que se trata a “crise adolescente”, idéia tão presente no senso comum? Qual a importância da família no que toca ao processo de maturação de seus membros adolescentes? Como falar da adolescência levando em conta a saúde que lhe diz respeito?

Este trabalho tem por objetivo investigar as necessidades dos rapazes e moças que atravessam esta fase turbulenta e a natureza de seus processos maturacionais, bem como refletir acerca do papel da família enquanto ambiente facilitador para o desenvolvimento emocional dos adolescentes, a fim de lançar luz aos desafios que eles enfrentam e quais as conseqüências da qualidade do ambiente lhes é provido.

Encontrou-se bastante dificuldade em encontrar trabalhos em psicanálise que abordassem o tema da adolescência em seu aspecto saudável, estabelecendo uma relação com a importância da família para desenvolvimento emocional do adolescente.

Motivada por impasses em sua prática clínica e a conseqüente necessidade de uma alternativa à teoria kleiniana que a embasava, Santos (1998) pesquisou em sua dissertação de mestrado os sentimentos vivenciados por pais cujos filhos atravessavam um período de amadurecimento da adolescência normal e a sua relação com a possibilidade de conquista de uma identidade adulta por parte destes. Aproximando-se dos objetivos e do enfoque teórico privilegiado no presente trabalho, Santos (1998) teve como seu principal apoio a teoria paterno-infantil de Winnicott.

Ao enfatizar a importância do ambiente para a constituição de um indivíduo saudável – sendo que o caminho da saúde leva o sujeito de uma condição de dependência absoluta à conquista da independência – a autora ressalta a importância

da preservação dos aspectos saudáveis do ambiente do adolescente e da sabedoria natural dos pais para a facilitação do amadurecimento do jovem. Os adultos cuidadores tendem a se sentir ansiosos e aflitos, uma vez que o adolescente enfrenta um período de transformação essencialmente solitário, do qual não quer falar a respeito.

Mesmo assim, é importante que os pais, entendidos como um ambiente de extrema importância para o amadurecimento do adolescente, bem como para sua integração e sua conquista de uma identidade adulta, possam estar disponíveis quando seus filhos sentirem a necessidade de retornar à dependência ou de fazer uma contribuição e serem criativos, e também possam oferecer o confronto à explosão do desafio de seus filhos. Para que possam ocupar esse lugar, é necessário que vivenciem as mudanças que as novas demandas de seus filhos lhes provocam e suas novas funções de desempenho enquanto figuras parentais. As condições ambientais e o *holding* oferecidos ao jovem durante a infância têm grande ressonância em sua capacidade de se sentir real enquanto atravessa as questões inerentes à adolescência.

Em seu artigo de 2002, Rosa se propõe a pensar a relação entre adolescência e estruturas, tendo como pano de fundo os processos subjetivos e sociais envolvidos na passagem do adolescente da cena familiar à cena social, trazendo um outro aspecto importante para a compreensão do processo da adolescência. Se durante a infância a família nuclear exerce as funções materna e paterna das quais, engendrada pelo Complexo de Édipo, emerge a constituição subjetiva do sujeito, na adolescência entra em cena um outro discurso, qual seja, o discurso do grupo social, que se revela na própria base da cena familiar. Este discurso oferece ao adolescente um lugar na cena social, ou seja, realiza um pré-vestimento que projeta o jovem em direção a um outro referencial identificatório que não mais unicamente aquele presente na família.

A qualidade deste novo discurso com o qual o adolescente se depara faz com que ele revise sua história, e incide sobre suas possibilidades de relação com o desejo do Outro (que agora diz também respeito à cena social) e sobre sua estruturação subjetiva. Sendo assim, a adolescência se revela como um período no qual novas vivências e significações ligadas ao laço social demandam grande esforço psíquico e

promovem reorganizações estruturais importantes. O histórico do sujeito, vivido até então no seio do discurso familiar, é assim articulado a novas questões e desafios referentes a uma nova demanda de um novo Outro. Inaugura-se um novo lugar do qual emerge a cena social, cuja qualidade do discurso pode ser mais estruturante – legitimando uma aposta no desejo – ou pode trazer poucas possibilidades de reconhecimento e inserção – promovendo laços sociais perversos. Seja como for, o adolescente é convocado a responder.

Ao analisar a clínica psicanalítica da adolescência e a sua relação com a trama familiar, Balaban (2009) afirma – em sintonia com a argumentação proposta por Rosa – que à crise da adolescência subjaz o trabalho psíquico desempenhado pelo jovem ao fazer a passagem do laço familiar, que lhe dava sustentação até o momento, para o laço social. Deste modo, essa crise diz respeito não apenas ao âmbito individual do adolescente, mas também dos pais e da família como um todo. Dando maior destaque ao papel da família, a autora afirma que cai sobre o adolescente o fardo de carregar as esperanças dos adultos, ao mesmo tempo em que é alvo da desconfiança destes no que toca à sua capacidade de dar seqüência às futuras gerações de modo eficaz. Ele é desafiado a encontrar uma resposta à demanda do Outro diferente daquela que foi satisfatória na infância, o que implica uma separação.

O desligamento da autoridade dos pais que deve se dar neste período leva o adolescente a um retorno e a uma reorganização das marcas que se produziram na sua constituição enquanto sujeito. Ao colocar ênfase no fato de que a família deve acompanhar a crise do adolescente – e não tentar silenciá-la ou curá-la –, Balaban (2009) alerta que tal tarefa pode ser amortecida por uma solução de compromisso formada entre pais e filhos.

Fora do campo psicanalítico encontramos também pesquisas que fazem apontamentos interessantes acerca da adolescência e da família. Pratta & Santos (2007) afirmam que, apesar das famílias atuais terem uma ampla gama de possibilidades de arranjos, sua função em relação ao desenvolvimento de seus membros permanecem as mesmas. Segundo os autores, tal função pode ser dividida em três categorias principais: funções biológicas, psicológicas e sociais. No que tange à

adolescência, esta é vista como uma crise importante que faz parte do ciclo de vida familiar e que atinge todos os membros da família, uma vez que esta não é constituída pela simples soma de seus integrantes, caracterizando um sistema. Os pais tendem a reviver angústias relativas à sua própria adolescência, evocando fantasias e conflitos característicos desta fase.

Ainda segundo os autores, a adolescência caracteriza-se por ser uma fase turbulenta tanto para os filhos quanto para os pais. A constante necessidade de negociação entre ambas as partes favorece disputas e gera conflitos de caráter intergeracional, além de ser acompanhada por uma marcada diminuição do tempo de convívio entre pais e filhos. Do ponto de vista do indivíduo, a adolescência representa uma passagem da dependência à autonomia e da necessidade de controle externo para o autocontrole, resultando em um complexo processo maturativo bio-psico-social. A família tem um papel muito importante neste processo, uma vez que é ela a responsável pela transmissão de normas e regras necessárias para o convívio social e constituem modelos e ideais que são introjetados pelo adolescente. É essencial nesta fase o diálogo entre pais e filhos, uma vez estes se encontram desamparados e necessitam de orientação. O legado que lhes foi transmitido durante a infância continua sendo relevante.

Em sua dissertação de mestrado, Lapin (1983) procurou analisar a relação entre o perfil de características que os adolescentes traçam de seus pais e o tipo de relação que eles tinham com os mesmos. Segundo a autora, a família é uma importante instituição social que coloca direitos e deveres para seus membros, trazendo aspectos percebidos tanto como positivos – como o apoio e a afetividade – quanto negativos – como a imposição de normas e regras rígidas. No caso da relação entre pais e filhos adolescentes, não são apenas as características atuais dos modelos parentais que influenciarão o tipo de interação. Também todo o histórico dessa interação, que remete aos tempos de infância do adolescente, será importante para a facilitação ou para o impedimento de seu desenvolvimento, que se dá através de um processo de combinação e diferenciação que permite ao jovem sua entrada no mundo adulto e sua aprendizagem de papéis sexuais e sociais.

Lapin (1983) selecionou como sujeitos da pesquisa alunos de escolas públicas e particulares entre 13 e 17 anos que pertenciam a diferentes níveis sócio-econômicos e que tivessem ambos os pais vivos e morando com eles. Como critério para estabelecer o estrato sócio-econômico, foi utilizado o nível ocupacional e de escolaridade dos pais. A elaboração do instrumento utilizado foi feita a partir da lista de 85 características de La Rosa. Contrariando as afirmações de inúmeros pesquisadores, Lapin (1983) observou uma ausência de confrontos e atritos entre as gerações de pais e filhos adolescentes, e que os jovens procuraram defender a manutenção de uma ideologia familiar tradicional e patriarcal. Embora tal conformismo possa estar ligado aos aspectos positivos da família, como núcleo de afeto e de segurança, a autora analisa que os adolescentes tinham uma visão idealizada de suas figuras parentais e dissociada da realidade em que vivem, o que aponta para o autoritarismo da sociedade e da família que coloca o jovem numa posição de conformismo e o distancia de seus pais, dificultando sua aceitação em sua própria geração.

MÉTODO

Winnicott (1965) nos alerta para a importância de considerarmos o arcabouço teórico da psicanálise em nossas investigações e de incluirmos o conceito de inconsciente à investigação científica. Embora esta maneira de fazer pesquisa encontre um interesse limitado do público em geral, que possui certa resistência em contemplar as motivações inconscientes e os sentidos obscuros que se escondem detrás das condutas humanas, paga-se um preço bastante alto pela tentativa de se considerar apenas os dados mensuráveis e resultados estatísticos em nossas reflexões; o preço de “... permanecer onde estamos, joguetes da economia, da política e do destino” (WINNICOTT, 1965, p. 174).

A partir desta idéia, vemos que a pesquisa psicanalítica oferece recursos para analisarmos e desconstruirmos o senso comum, desnaturalizando determinados pensamentos e idéias, articulando-os a uma rede de sentidos inconscientes que circulam num âmbito tanto individual quanto social.

Como referencial teórico para a pesquisa, foi utilizada a contribuição winnicottiana ao campo da psicanálise. Segundo Outeiral (2000), “Donald Winnicott (DWW) escreveu bastante sobre o *adolescer*, teórica e clinicamente, tanto em artigos específicos sobre este momento evolutivo como desenvolvendo idéias sobre a *adolescência que constam de trabalhos sobre outros temas*”. Para a investigação do problema proposto, fez-se uso quase que exclusivo da obra do próprio autor; se, por um lado, tal escolha deixa de fora contribuições importantes de outros autores da psicanálise que poderiam resultar num diálogo bastante enriquecedor, tem a vantagem de se manter fiel ao pensamento de Winnicott e à sua notável originalidade.

Foi considerada a sua ênfase na importância da família como um ambiente facilitador para os processos de maturação, já que se pretendeu discutir também quais seriam as qualidades deste ambiente em função do desenvolvimento do adolescente.

Aqueles que valorizam a família e pensam que o indivíduo precisa de um contexto familiar podem encontrar maior apoio na pesquisa psicanalítica do que em qualquer outro lugar. A psicanálise revelou o modo pelo qual o processo maturacional no crescimento do indivíduo precisa de um ambiente facilitador, e como o ambiente

facilitador, em si, é uma coisa muito complexa, com suas próprias características desenvolvimentais. (WINNICOTT, 1965, pg. 179-180)

Ao recorrermos à teoria winnicottiana como campo teórico da pesquisa, consideramos que a cada fase do desenvolvimento corresponde um determinado nível de maturidade e de dependência em relação ao ambiente, ambiente este que deve se adaptar às necessidades do indivíduo; *“a corrente psicológica a que me afilio considera maturidade sinônimo de saúde”* (WINNICOTT, 1960, p. 129); *“o que nos interessa é o grau de adaptação das condições ambientais às necessidades do indivíduo em qualquer momento de sua vida”* (WINNICOTT, 1960, p. 130).

O conceito de indivíduo saudável do autor leva em conta o movimento do sujeito em direção à independência, embora este movimento não se faça numa linearidade exclusivamente diacrônica, trazendo em si a necessidade de retorno a estados de dependência que remetem necessariamente à infância e ao começo do desenvolvimento emocional do indivíduo. Tal processo aparece como uma questão central para o adolescente e sua necessidade de se lançar à vida social sem que isto constitua uma ameaça a seu *self* central.

Além disso, a noção de Winnicott (1967) do conceito de saúde, não apenas como predominâncias sucessivas das zonas erógenas e ausência de psicose – mas também como qualidade de realidade psíquica, sentimento de realidade de *self*, e capacidade de viver de maneira criativa –, constitui um terreno muito fértil sobre o qual podemos discutir os desafios que se apresentam aos adolescentes e questões pertinentes a seu desenvolvimento emocional.

Sendo assim, realizou-se uma pesquisa teórica com o intuito de se refletir sobre o processo de desenvolvimento emocional do adolescente, e sobre qual o papel da família enquanto ambiente facilitador para sua maturação. Em detrimento da análise dos distúrbios psiquiátricos que podem se apresentar durante esta fase – imbricados nas falhas ambientais e na incapacidade da família em prover continência para as necessidades do adolescente –, procurou-se dar ênfase à saúde e à maneira como o ambiente familiar contribui para que o indivíduo conquiste a maturidade adulta.

O estudo da adolescência a partir dos textos em que Winnicott trata diretamente deste tema levou à constatação de que o jovem – ao enfrentar novos desafios relativos à constituição de sua própria identidade e buscar sua independência lançando-se agressivamente a círculos sociais de amplitude crescente – vive paradoxalmente questões relativas a fases anteriores de maior dependência que remetem ao início da vida do indivíduo (WINNICOTT, 1968). Processos primitivos do desenvolvimento emocional ressurgem e se reatualizam sob nova roupagem, e demandam conquistas maturacionais antigas e implacavelmente novas a um só tempo.

Tal fato trouxe a necessidade de se voltar ao estudo do desenvolvimento emocional da primeira infância e a uma revisão bibliográfica acerca de alguns dos principais conceitos de Winnicott sobre este tema, sem os quais a exposição das idéias do autor relativas à adolescência ficaria incompleta e rarefeita. Sendo assim, o primeiro capítulo discorre sobre os processos maturacionais relativos ao início da vida do indivíduo – na medida em que ocupam lugar de destaque no desenvolvimento emocional do adolescente –, sem a pretensão de esgotá-los ou de se deter neles demasiadamente, o que extrapolaria os objetivos deste trabalho.

No segundo capítulo, foi traçado um esboço das idéias de Winnicott a respeito da adolescência, enfatizando a maneira pela qual o ambiente familiar adequado responde às suas necessidades. Sabemos que não é possível separar o ambiente do processo de desenvolvimento emocional do indivíduo; da mesma forma, o papel da família do adolescente encontra-se sempre amparado pelos processos de maturação que fazem parte desta fase do desenvolvimento, tornando artificial a tentativa de separá-lo em um item à parte. Sendo assim, apontamentos sobre este tema são feitos no decorrer de todo o capítulo.

Por fim, é feita uma discussão a respeito do papel da família de Mano, personagem principal de “As Melhores Coisas do Mundo” – filme de 2010 dirigido por Laís Bodanzky –, um adolescente de 15 anos cuja família parece se desintegrar quando seu pai abandona o lar e assume um relacionamento homossexual. Os problemas pelos quais passa a família de Mano parecem ser bastante representativos das novas

configurações familiares que se apresentam na contemporaneidade, das quais foram feitos alguns apontamentos na introdução deste trabalho. Dessa forma, o terceiro capítulo procura abordar algumas das questões apresentadas na introdução, tendo agora como ponto de apoio exclusivo o referencial psicanalítico de Winnicott.

I. O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA INFÂNCIA: ALGUMAS CONQUISTAS IMPORTANTES

A perspectiva deste trabalho se apóia em um paradigma desenvolvimental, tendo a contribuição da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott como referência teórica para a monografia. *“Em termos de desenvolvimento, pode-se dizer que a saúde significa uma maturidade relativa à idade do indivíduo”* (WINNICOTT, 1967, p. 4); sendo assim, devemos levar em conta o processo de maturação do indivíduo saudável, que caminha da dependência absoluta para a independência.

Ao colocarmos aí a ênfase do processo de desenvolvimento do indivíduo, levamos em conta aspectos bastante primitivos do desenvolvimento emocional e a relação do ego com o ambiente, sem o qual jamais poderia vir a constituir uma unidade. O acento passa, assim, do crescimento em termos de vida instintiva e do progressivo avanço dos padrões instintivos em termos de zonas erógenas para o desenvolvimento primitivo do ego e a íntima relação de tendências pessoais herdadas com fatores ambientais; passamos de uma psicologia dos instintos para uma psicologia do ego (WINNICOTT, 1967).

Tratamos aqui de um terreno que constitui uma pré-condição para que o indivíduo possa vir a ter relações verdadeiramente interpessoais. As angústias deste período referem-se não à ansiedade de castração ou ao medo da perda do objeto, mas antes a um tipo de experiência primitiva que desconhece qualquer tipo de diferenciação entre mundo interno e mundo externo, ou até mesmo a existência de um esquema corporal pessoal. O ego, frente a uma tensão instintiva, ainda não é capaz de lançar mão de defesas organizadas e mecanismos que preservem sua integridade, e vê-se ameaçado por uma ansiedade de aniquilamento.

Nesta perspectiva, somos conduzidos necessariamente para o estudo do desenvolvimento emocional na primeira infância, pois é durante os estágios iniciais que podemos lançar nossas bases em direção a um amadurecimento saudável, bem como à aquisição de uma personalidade independente e criativa, dotada de um padrão pessoal e de um sentimento de *self*. *“Um exame do ego nos leva direto aos estágios pré-genitais e pré-verbais do desenvolvimento individual e à provisão ambiental: a*

adaptação atrelada às necessidades primitivas que são características da primeira infância” (WINNICOTT, 1967, p. 10).

Tal enfoque se revela bastante pertinente ao nos voltarmos para o tema da adolescência. Ao se lançar violentamente para a identificação com círculos sociais cada vez mais amplos, o adolescente precisa ter à sua disposição recursos internos que lhe possibilitem retornar (ao menos em sua fantasia inconsciente) a aspectos integradores dos cuidados e do *holding* que recebeu na primeira infância. Questões relativas ao desenvolvimento emocional primitivo reaparecem e se reatualizam, questões estas que dizem respeito ao começo da vida do indivíduo e ao ambiente que lhe foi provido (WINNICOTT, 1968).

A crise que faz parte da adolescência remete a uma necessidade de reconquista de um senso de *self* integrado e dotado uma realidade pessoal, a partir do qual é possível perceber o mundo em sua realidade externa sem demasiada perda da criatividade e do impulso pessoal. Trata-se, fundamentalmente, de uma questão de ser; *“a partir do ser, vem o fazer, mas não pode haver o fazer antes do ser – eis a mensagem que os adolescentes nos ensinam”* (WINNICOTT, 1967, p. 7).

Ao seguirmos este caminho, devemos nos voltar para o período inicial do desenvolvimento emocional e os complexos processos que se dão neste cenário, e que nos possibilitam afirmar que, aproximadamente aos seis meses de idade – e apenas no caso do indivíduo ter podido usufruir de um ambiente facilitador e de uma mãe suficientemente boa – existe ali uma pessoa mais ou menos integrada enquanto uma unidade. Sendo assim, é feita uma breve exposição de alguns dos processos que fazem parte do desenvolvimento emocional primitivo e dos cuidados maternos que lhes dão amparo, os quais Winnicott (1956) agrupou sob o nome de “preocupação materna primária”.

Também ganha destaque na adolescência o papel da agressividade, que é investida por uma nova força, já que o corpo do indivíduo ganha proporções adultas, conferindo-lhe a potência física para a agressão real. Da mesma forma, a nova capacidade sexual e as fantasias inconscientes que a acompanham trazem à agressividade seu protagonismo na vivência dos adolescentes. Além disso, a maneira

pela qual os jovens vivem no registro de um isolamento subjetivo e a relação truncada que estabelecem com a cultura remetem ao tema da transicionalidade e da experiência cultural. Sendo assim, é traçado também um esboço de como estes temas se apresentam no desenvolvimento emocional na infância.

1. TRÊS PROCESSOS DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO: INTEGRAÇÃO, PERSONALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO

O *holding* oferecido pela mãe devotada comum – capaz de se identificar com seu bebê e de exercer uma adaptação ativa às suas necessidades de maneira a acompanhar sua tendência inata ao desenvolvimento – propicia três processos necessários para a maturação emocional de um ser humano saudável: a integração, a personalização e a realização.

1.1. INTEGRAÇÃO:

Num primeiro momento da existência de um indivíduo, aquilo que um observador pode facilmente classificar como uma pessoa inteira, uma unidade, ainda não o é do ponto de vista do próprio bebê. Seria útil começarmos a tentar descrever a não-integração, que caracteriza o início da vida do indivíduo, como um estado no qual existe “... *uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo*” (WINNICOTT, 1988, p. 136) em que “... *o centro de gravidade (por assim dizer) do self migra de um impulso ou sensação para outro*” (Id.).

O caráter descontínuo da experiência do bebê – em cujo *self* ainda não se instalou a noção de temporalidade, nem a noção de um mundo interno e uma realidade externa – leva a uma vivência fragmentária do próprio eu primitivo. Isso nos leva a argumentar que, neste primeiro momento teórico, o bebê só pode ter uma existência despedaçada na qual ainda não habita o próprio corpo e não tem percepção alguma da externalidade dos objetos ao seu redor, sendo cada vivência ou experiência particular uma ilha isolada dentro do *self*.

É necessário que haja uma figura materna dotada de uma sensibilidade extremamente aguçada para as necessidades do bebê para que este possa

gradativamente ter seus pedaços juntados e aglutinados em uma unidade. Os cuidados maternos providos nesta etapa do desenvolvimento primitivo devem sustentar o *self* do indivíduo que, com o passar do tempo e com a repetição dos cuidados, poderá adquirir um senso de realidade pessoal e uma personalidade própria.

O estado psíquico inicial é caracterizado pela natureza totalmente subjetiva do ambiente no qual vive o bebê, que ainda não tem qualquer consciência da existência de uma realidade externa que precede a sua existência, nem de sua total dependência em relação a uma figura cuidadora capaz de lhe prover suas necessidades e de sustentar o seu *self*. Neste primeiro momento teórico, a empatia e a identificação com o bebê que esta figura oferece são expressas em grande parte pelo cuidado físico – que consiste aí num cuidado psicológico – e é o que não permite que ele caia numa angústia inimaginável, desfazendo-se em pedaços (WINNICOTT, 1988).

Sendo assim, a conquista da integração pode ser considerada um processo altamente complexo que envolve uma série de aquisições desenvolvimentais e que possibilita tantas outras. A partir de um estado primário de não-integração é que a integração pode ocorrer, o que se dá a partir de dois vetores distintos, um externo e outro interno:

A tendência a integrar-se é ajudada por dois conjuntos de experiências: a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e chama pelo nome, e também as agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro (WINNICOTT, 1945, p. 224).

Tanto a pressão dos instintos e as expressões de agressividade quanto os cuidados maternos e o *holding* exercem uma força aglutinadora no *self* do bebê que começa a se constituir. A integração da personalidade poderá então, gradativamente, tornar-se uma conquista estável, na medida em que o indivíduo conseguir reter e conservar memórias e características do cuidado ambiental, e dessa forma ir saindo do estado primeiro de não-integração e de não-consciência para um estado em que haja o reconhecimento da dependência e a capacidade de cuidar de si mesmo.

Com o passar do tempo, fatores internos (instintos) e externos (*holding*) possibilitam à criança ter experiências de integração cada vez mais duradouras, que

são acompanhadas pelo gradual aumento do senso de responsabilidade, pela continuidade da experiência em seus aspectos temporal e espacial, pelo senso de *self* e pela aceitação do princípio de realidade sem demasiada perda da criatividade.

A integração significa responsabilidade, ao mesmo tempo que consciência, um conjunto de memórias, e a junção de passado, presente e futuro dentro de um relacionamento. Assim, ela praticamente significa o começo de uma psicologia humana. (WINNICOTT, 1988, p.140)

Ao atingir este estágio, o bebê já é capaz de compreender em alguma medida que possui uma realidade interna, e que o ambiente tem um aspecto objetivo e uma exterioridade da qual ele pode fazer uso e se enriquecer através de projeções e introjeções. Ele passa também a perceber que sua mãe, que antes consistia num conjunto de experiências descontínuas de estímulos e cuidados desconexos, tem também uma existência própria e um mundo interno ao qual passa a dar importância e a se sentir responsável. Tudo isso leva o sujeito em direção à gradual diminuição da dependência.

A percepção e aceitação da realidade compartilhada proporcionada pela conquista da integração não é um processo fácil. O princípio de realidade é primeiramente percebido como uma imposição que traz o significado de uma ameaça ao *self*, e a delimitação de um mundo interno em oposição a um mundo externo provoca no indivíduo uma expectativa paranóide por um ataque.

Neste momento os cuidados proporcionados por uma maternagem satisfatória é de extrema importância por representar uma ponte entre a experiência do bebê e o mundo externo, garantindo de alguma forma a preservação do *self*. Se ela puder agir neste momento pautada pelas necessidades da criança e souber exercer o papel que dela se espera, então

... O padrão paranóide não se tornará necessariamente organizado, e o indivíduo terá a chance de desenvolver um impulso instintivo verdadeiro, ou seja, um impulso que tem uma base biológica e que não se parece com o ataque defensivo, o qual não é inerente e se baseia numa ansiedade (WINNICOTT, 1988, p. 141).

Quanto mais tardia e de maneira menos natural se der o processo de integração no indivíduo, maior será a intensidade da paranóia.

Na medida em que a integração torna-se um fato na experiência psíquica do bebê, à perda ou retrocesso desta etapa do desenvolvimento devido a falhas ambientais sucede um estado de desintegração, que difere do estado de não-integração em seu significado. A desintegração provoca no indivíduo a sensação de enlouquecimento e a desarticulação de sua personalidade e de seu senso de *self*.

A falha ambiental subtrai do bebê sua confiança em um meio facilitador. Frente a isto, um caos artificialmente provocado de maneira ativa parece ser uma defesa vantajosa, uma vez que representa algum tipo de controle por se encontrar dentro da onipotência do indivíduo, ao contrário daquele provocado pelo ambiente instável proporcionado pelo comportamento de uma mãe errática. *“A desintegração se dá ao longo das linhas de cisão estabelecidas pela desorganização do mundo interno, através do controle sobre os objetos e das forças que neles atuam”* (WINNICOTT, 1988, p. 140).

No processo de desenvolvimento que leva o bebê não-integrado à conquista de uma personalidade bem integrada, podemos verificar um estado intermediário no qual a criança saudável ainda é capaz de regredir a um estado de não-integração. Dessa forma, ela se aproxima de uma sensação de loucura ou perda da sanidade sem que isto, no entanto, constitua uma experiência ansiógena com risco de perda do sentimento de *self*. Trata-se de um tipo de experiência que podemos verificar nos estados de relaxamento de indivíduos saudáveis nos quais a regressão pode ser tolerada, ao mesmo tempo em que a confiança no ambiente é preservada.

1.2. PERSONALIZAÇÃO:

Num primeiro momento do processo maturacional, quando a vida é pautada pelo estado de não-integração e a dependência absoluta em relação a uma figura cuidadora – sem a qual se pode cair numa angústia inimaginável – é um fato, podemos dizer que a experiência é marcada pelo aspecto somático da existência do indivíduo. Ainda não se pode afirmar uma psicologia verdadeiramente humana, e os cuidados físicos que fazem parte do *holding* tem aí um valor psicológico (WINNICOTT, 1988).

A psique poderá surgir, num segundo momento, da elaboração imaginativa das funções somáticas e da vitalidade física, o que nos leva a argumentar que, de início, psique e soma não podem ser distinguidos um do outro. Não existe, portanto, algo na experiência do indivíduo que possamos localizar dentro de uma experiência propriamente psíquica.

É apenas no decorrer do desenvolvimento emocional do indivíduo que psique e soma poderão se articular dentro de uma unidade coesa, desembocando no fenômeno da personalização: *“gradualmente, os aspectos psíquico e somático do indivíduo em crescimento tornam-se envolvidos num processo de mútuo inter-relacionamento”* (WINNICOTT, 1949, p. 334) e *“... o corpo vivo, com seus limites e com um interior e um exterior, é sentido pelo indivíduo como formando o cerne do eu imaginário”* (Id.). O self poderá, então, ser localizado pelo indivíduo dentro de seu corpo, com a pele funcionando como uma membrana limitadora entre o exterior e o mundo interno dotado de um padrão pessoal e da capacidade de se sentir real.

Este estado de coisas, no qual a psique e soma estão em íntima relação, desenvolve-se a partir da série de estados iniciais em que a psique imatura (embora baseada no funcionamento corporal) não se encontra estreitamente ligada ao corpo e à vida do corpo. (WINNICOTT, 1958, p. 8)

Assim como no caso da integração, *“... é a experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente que constroem, gradualmente, o que poderíamos chamar de personalização satisfatória”* (WINNICOTT, 1945, p. 225). Os cuidados físicos, o manejo e o manuseio do bebê constituem experiências prazerosas tanto para ele quanto para a mãe, o que possibilita que a pele possa vir a ser realmente um continente para a psique, sendo esta articulação também favorecida pelas experiências de erotismo muscular.

Vemos assim que, embora a psique surja a partir da organização da atividade imaginativa das experiências somáticas e da elaboração das funções corporais, sua coexistência com os limites do próprio corpo não constitui um fato inerente à maturação do indivíduo. O desenvolvimento emocional saudável está sempre sujeito a percalços e desvios devido a falhas ambientais, e é papel da mãe devotada comum

auxiliar o processo de superposição entre o *self* e o corpo de maneira que possa haver realmente uma coexistência entre ambos.

Podemos, dessa forma, ver a estreita relação entre os processos que possibilitam ao indivíduo atingir a integração e a personalização. Sobre este tema, Winnicott (1988) nos diz:

Muito do que foi escrito sobre integração aplica-se à localização da psique no corpo. As experiências tranqüilas e excitadas dão cada qual a sua contribuição. O processo de localização da psique no corpo se produz a partir de duas direções, a pessoal e a ambiental: a experiência pessoal de impulsos e sensações da pele, de erotismo muscular e instintos envolvendo excitação da pessoa total, e também tudo aquilo que se refere aos cuidados do corpo, à satisfação das exigências instintivas que possibilita a gratificação. (p.144)

É preciso ressaltar que a aquisição de uma unidade psicossomática só será estável no tempo se a adaptação da mãe devotada comum continuar sendo provida ao longo do tempo, permitindo que o indivíduo resista às ameaças de intrusão e à angústia primitiva de aniquilação. Conquistas importantes podem ser perdidas caso o ambiente não prossiga em sua adaptação real às necessidades do bebê, podendo levar a distúrbios psiquiátricos cujas origens se encontram no desenvolvimento emocional primitivo.

Se tudo ocorrer bem, o psicossoma continuará a experimentar gratificações de suas necessidades instintivas e sensações de estar sendo cuidado e amparado por um ambiente perfeito, de modo que seu desenvolvimento poderá se dar sobre a base sólida de um sentimento de *self* e de um continuar a ser, sem haver a necessidade de reagir contra intrusões ambientais (com a conseqüente quebra na continuidade da experiência).

Com o passar do tempo, a mãe suficientemente boa poderá gradualmente sair de seu estado de preocupação materna primária, podendo até mesmo a ter uma negligência ativa em seus cuidados com o bebê, levando em conta os recursos e as necessidades deste. As falhas ambientais introduzidas pela mãe suficientemente boa permitem que o bebê diminua a sua dependência em relação a ela sem prejuízo na

formação de sua personalidade, uma vez que sua atividade mental e sua capacidade de compreensão dão conta de lidar um mundo cada vez mais fora do domínio de sua onipotência subjetiva. A mente do bebê passa, assim, a ser capaz de tornar um ambiente suficientemente bom em um ambiente perfeito, e a sua compreensão o habilita tolerar falhas ambientais relativas tanto às suas demandas instintivas quanto às necessidades de seu ego.

A mãe devotada comum é suficientemente boa. Se ela é suficientemente boa, o bebê virá a dar conta de suas falhas através da atividade mental. Isto se aplica não só à satisfação dos impulsos instintivos, mas igualmente a todos os tipos de necessidades primitivas do ego, incluindo até mesmo a necessidade de um cuidado negativo, ou de uma negligência ativa. Essa atividade mental do bebê transforma um ambiente suficientemente bom num ambiente perfeito, ou seja, transforma a falha relativa da adaptação num êxito adaptativo. O que libera a mãe de ser quase perfeita é a adaptação do bebê [...]. (WINNICOTT, 1949, p. 335)

De acordo com esta teoria, portanto, em todo desenvolvimento individual a mente tem uma raiz, talvez sua raiz mais importante, na necessidade que o indivíduo tem, no cerne mesmo de seu eu, de um ambiente perfeito. (*Id.*)

Vemos assim que o desenvolvimento da mente do indivíduo está imbricado na tendência inata à integração e à articulação da psique e do soma numa unidade coesa, sendo que a atividade mental e a capacidade de compreensão protegem-no das intrusões ambientais e, conseqüentemente, da desintegração, garantindo que o sentido de ser esteja vinculado a um corpo que lhe dê continência. A mente, portanto, nasce como um desdobramento da personalização e da integração e, se tudo ocorrer bem, ela “... será apenas um caso especial do funcionamento do psicossoma” (WINNICOTT, 1949, p. 333). Dessa forma, terá uma existência sintônica ao *self*, não sendo localizada pelo indivíduo como uma entidade avulsa ou isolada em sua existência ou como algo estranho dentro de sua personalidade¹.

¹ Nota de rodapé: o excesso de intrusão ambiental pode acarretar uma hiperatividade do funcionamento mental que passa a se opor ao psicossoma. Isso pode levar a uma formação patológica denominada psique-mente, que substitui os cuidados maternos e rompe a coesão entre a psique e o soma, uma vez que a psique tende a se transformar nessa entidade a fim de se proteger do ambiente caótico. O desenvolvimento emocional posterior passa a ser baseado na submissão, e a ameaça do

Se o ambiente permitir que este processo seja levado a cabo, o indivíduo pode então gozar das satisfações ligadas à sua corporeidade, usufruindo de sua unidade psicossomática estável e bem instalada. *“Em pessoas saudáveis, o uso do corpo e de suas funções é uma das coisas prazerosas da vida, e isso se aplica de modo especial às crianças e adolescentes”* (WINNICOTT, 1967, p. 12).

1.3. REALIZAÇÃO:

No início da vida do indivíduo – enquanto a delimitação de um meio interno e um meio externo ainda não foi estabelecida, a aceitação do princípio de realidade e as relações com objetos não-eu ainda são muito incipientes, e a integração é muito precária ou quase inexistente – não é possível se pensar no bebê como uma pessoa cujas urgências instintivas podem ser satisfeitas ou frustradas, mas como um ser sempre no limite de cair numa ansiedade inimaginável. É função da mãe ou figura materna substituta sustentar esse bebê de modo a garantir a continuidade de sua existência e protegê-lo dessa ansiedade inimaginável.

O impulso instintivo cria no bebê uma necessidade não formulada acompanhada de idéias predatórias; ou seja, a partir de um estado de excitação, ele fica pronto para alucinar algo ainda não claramente definido e que possa ser atacado. *“Nesse momento, aparece o bico real, e ele pode então sentir que esse bico era exatamente o que ele estava alucinando”* (WINNICOTT, 1945, P. 227). A mãe, por ter a capacidade de se identificar com seu filho – num primeiro momento de maneira absoluta – pode apresentar o objeto (seio) no exato momento em que o bebê estava disposto a criá-lo.

No momento da primeira mamada teórica, no qual ainda não existe material mnemônico de experiências passadas para servir de base para a alucinação do objeto, não existe desejo, e sim pura necessidade, uma criatividade em estado bruto. A tarefa da mãe é justamente ir ao encontro deste momento criativo no qual o bebê busca

colapso torna-se constante. Sobre os desdobramentos da atividade mental patológica e o fenômeno da psique-mente, ver Winnicott, 1958.

algo, concedendo-lhe a experiência de estar criando o mundo como se este passasse a existir somente a partir daquele exato instante.

... Em razão de uma vitalidade do bebê e através do desenvolvimento da tensão instintiva o bebê acaba por esperar alguma coisa; e então há um movimento de alcançar algo, que pode rapidamente tomar a forma de um movimento impulsivo da mão ou da boca em direção a um suposto objeto. Creio que não será inadequado dizer que o bebê está pronto para ser criativo. [...] Aqui o ser humano se encontra na posição de estar criando o mundo. O motivo é a necessidade; testemunhamos então a gradual transformação da necessidade em desejo. (WINNICOTT, 1988, p. 122)

O cerne da questão aqui formulada não é, portanto, a satisfação ou a frustração do impulso instintivo, tampouco a disponibilidade ou não de um objeto que possa ser devorado, e sim o modo pelo qual a mãe saudável é capaz de apresentar o objeto a seu bebê (capacidade esta que em nada depende de qualquer tipo de instrução formal). A tensão instintiva prepara o bebê para o início de um relacionamento excitado que só poderá ser bem aproveitado por ele se o objeto for apresentado dentro de um contexto humano e sensível proporcionado pela mãe.

Se a necessidade não formulada do bebê se superpõe à disponibilidade de uma mãe devotada comum, então mãe e bebê podem viver juntos uma experiência, e este poderá viver um momento de ilusão dentro de seu narcisismo primário que tornará possível uma aceitação gradual da existência de uma realidade externa compartilhada. A ilusão de que o seio foi criado por um impulso criativo originado na necessidade prepara o terreno para que, com o passar do tempo, o princípio de realidade não represente uma ameaça ao *self* do indivíduo.

É a partir desta experiência de ilusão que detalhes da realidade objetiva podem aos poucos – e de acordo com a capacidade do bebê – ir incrementando suas experiências, e a personalidade passa a se desenvolver através de mecanismos de projeção e introjeção que a fortalecem por serem enriquecedoras. No começo, *“... um simples contato com a realidade externa ou compartilhada precisa ser feito, em que o bebê alucina e o mundo apresenta, com momentos de ilusão do bebê em que as duas coisas são vistas como idênticas, o que de fato jamais são”* (WINNICOTT, 1945, p. 229).

O desenvolvimento desta área de ilusão ao longo das etapas de desenvolvimento do indivíduo leva a uma progressiva capacidade de usar objetos externos como matéria-prima para a experiência criativa, que no futuro desembocará nas artes e na experiência cultural. A fantasia é o solo sobre o qual a realidade pode ser construída, sendo, portanto, mais primária do que esta; a ilusão permite que objetos externos sejam usados como matéria-prima para a fantasia e para o enriquecimento do mundo interno.

Se o processo de aceitação do princípio de realidade ocorrer de maneira satisfatória, sendo amparado por um ambiente suficientemente bom, o indivíduo poderá preservar a continuidade de sua experiência por meio de uma negociação com o mundo externo na qual sua criatividade, seu mundo interno e seu senso de realidade pessoal sairão preservados.

O observador sabe que a psique individual pode ter início apenas num contexto específico. Nesse contexto, o indivíduo pode vir a criar gradualmente um ambiente pessoal. Se tudo ocorrer bem, o ambiente criado pelo indivíduo torna-se bastante parecido àquele que todos geralmente percebem, e nesse caso acontecerá algum dia um estágio no processo de desenvolvimento através do qual o indivíduo passará da dependência para a independência. (WINNICOTT, 1952, p. 308)

1.4. DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO E O AMBIENTE: A PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA

“... Não é possível a um bebê existir sozinho, física ou psicologicamente [...]” (WINNICOTT, 1945, p. 229). Para que o ambiente possa ser percebido como real e um grau de integração satisfatório seja atingido – fazendo com que o indivíduo constitua um ego maduro o suficiente para ser fortalecido pelas demandas do id em vez de ser ameaçado por elas – as necessidades do bebê que fazem parte da fase da dependência absoluta devem ter respaldo na figura de uma mãe suficientemente boa.

O desenvolvimento emocional saudável parte de um estado de coisas que exclui qualquer tipo de intrusão ambiental que quebre o sentido de ser do indivíduo, o que o colocaria em contato com a possibilidade de cair numa ansiedade inimaginável. Para que o *self* do bebê possa vir a habitar um corpo, integrando-se em uma unidade e

podendo se beneficiar de relações objetais dentro de um padrão pessoal, é necessário que haja uma figura disponível capaz de oferecer um ambiente perfeito – um ambiente no qual reações a intrusões perturbadoras não sejam necessárias e as ameaças ao sentido de ser do indivíduo não se concretizem².

A mãe saudável deve ter a “... *capacidade de adaptar-se ativamente às necessidades de seu bebê proveniente de sua devoção, tornada possível por seu narcisismo, sua imaginação e suas memórias, que a capacitam a saber através da identificação quais são as necessidades do bebê*” (WINICOTT, 1949, p. 335). Na fase de dependência absoluta de seu filho, esta capacidade coloca a mãe numa disposição psíquica especial a qual Winnicott (1956) deu o nome de “preocupação materna primária”. Tal estado peculiar se assemelha a uma condição patológico da qual a mãe saudável é capaz de se recuperar à medida que seu bebê adquire algum grau de autonomia.

Essa condição organizada (que seria uma doença no caso de não existir uma gravidez) poderia ser comparada a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo a um distúrbio num nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente. [...] Não acredito que seja possível compreender o funcionamento da mãe no início mesmo da vida do bebê sem perceber que ela deve alcançar esse estado de sensibilidade exacerbada, quase uma doença, e recuperar-se dele. (WINNICOTT, 1956, p. 401)

Esta mãe, mais do que simplesmente colocar seu seio à disposição do bebê quando este manifesta um desejo de satisfação oral, deve ter uma sensibilidade tal que a capacite a atender as complexas necessidades do ego primitivo de seu filho. A este respeito, Winnicott (1956) afirma: “... *a necessidade ou é resolvida ou não, e a consequência não é a mesma que a satisfação ou a frustração de um impulso do id*”. (p. 400)

² Os três processos do desenvolvimento emocional primitivo aqui abordados – a integração, a personalização e a realização – podem ser relacionados a três tipos de cuidado que a mãe devotada comum é capaz prover, respectivamente: o *holding*, a manipulação do bebê e a apresentação de objetos. (WINNICOTT, 1960b)

Quando falamos, portanto, em necessidades de um ego primitivo, estamos nos referindo a algo anterior e mais fundamental do que a satisfação dos instintos, algo relacionado à preocupação materna primária e ao *holding*. Um ego capaz de se beneficiar de uma experiência de satisfação ou de suportar uma experiência de frustração já passou por um complexo processo de amadurecimento e atingiu algum grau de integração mais ou menos estável.

Uma falha na adequação materna a essas necessidades primitivas leva antes a algum tipo de distorção na personalidade do que a reações mais elaboradas como raiva ou fuga para um objeto bom internalizado. A preocupação materna primária se situa numa etapa do desenvolvimento anterior ao estabelecimento dos padrões instintivos e do reconhecimento pelo bebê da existência de objetos externos ao *self*.

Portanto, para que o ego possa se desenvolver, deve partir de uma experiência de continuidade de ser na qual não há a necessidade de se reagir a intrusões, uma vez que a mãe devotada comum é capaz de proporcionar um ambiente suficientemente bom, pautado pela preocupação materna primária. Somente um ambiente desta qualidade é que traça o caminho para que movimentos espontâneos possam ser experimentados com segurança e tendências inatas ao desenvolvimento e à integração possam se manifestar.

O indivíduo só pode ter uma existência própria se o começo de sua vida for marcado por um continuar a ser, o que significa dizer que seu ambiente deve excluir qualquer possibilidade de intrusão ou de ameaça à continuidade de sua experiência. A mãe deve ser sensível aos movimentos espontâneos do bebê e ir ao encontro deles, fazendo com que seu filho possa ter uma experiência básica de onipotência e a ilusão de que o mundo existe somente dentro dos limites desta onipotência.

Se, ao invés disso, o ambiente se intromete de maneira invasiva na experiência do bebê por meio de uma adaptação precária ou insuficiente, a confiança deste sofre um abalo e as ameaças de ruptura na continuidade do ser e de um cair para sempre passam a fazer parte de sua experiência de uma maneira real. O indivíduo só pode então reagir a esta intrusão, com significativa perda da espontaneidade, por meio de um retorno ao isolamento, visando à recuperação da sensação de ser. “*O estar isolado,*

porém, torna-se cada vez menos puro à medida que a criança afasta-se do início, pois envolve cada vez mais uma organização defensiva para repudiar a intrusão ambiental” (WINNICOTT, 1952, p. 310).

A preocupação materna primária permite que o bebê se recupere de experiências de angústia primitiva e ameaças de aniquilação, uma vez que estas não chegam a se cumprir graças ao *holding* que a mãe suficientemente boa é capaz de prover; desta forma, a confiança torna-se cada vez mais um fato estabelecido na experiência do bebê e o ego pode se fortalecer em direção à independência.

... O fornecimento de um ambiente suficientemente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com todas as dificuldades inerentes à vida. (WINNICOTT, 1958, p. 404)

O eu individual tem como início um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade à quietude, e o estabelecimento da capacidade de esperar que haja recuperação depois das aniquilações; aniquilações resultantes das reações contra as intrusões do ambiente. Por esta razão, é necessário que o indivíduo tenha o seu início nesse ambiente especializado ao qual me referi com o título: “A Preocupação Materna primária”. (*Id.*, p.405)

2. TRANSICIONALIDADE E EXPERIÊNCIA CULTURAL

2.1. DA EXPERIÊNCIA DE ONIPOTÊNCIA AO ESPAÇO POTENCIAL

Uma vez que a figura materna foi capaz de oferecer uma adaptação total às necessidades do lactente durante a fase de dependência absoluta, provendo-lhe a experiência de onipotência em seu narcisismo primário, ela poderá agora se ausentar por períodos cada vez mais longos, na medida em que seu filho é capaz de manter viva a sua imagem introjetada. As sucessivas experiências de encontro com o objeto no justo momento em que o bebê estava disposto a criá-lo – e a conseqüente ilusão de que o mundo só existe em função de sua criatividade primária – capacita-o a tolerar a

ausência do objeto em função da confiança de que este não irá desaparecer ou ser aniquilado.

No início, quando não existe separação entre o *self* e o mundo dos objetos externos, podemos dizer que, num certo sentido, o desenvolvimento emocional saudável implica uma impossibilidade de separação. A confiança transmitida pela mãe cuja sensibilidade às necessidades do bebê atende às demandas da dependência absoluta acaba por dar-lhe autonomia para separar-se sem que a experiência de separação seja sentida como tal, uma vez que um espaço potencial foi criado e poderá ser preenchido pela atividade lúdica (criativa e não-intencional) e, posteriormente, pela experiência cultural.

A confiança do bebê na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu. Ao mesmo tempo, contudo, pode-se dizer que a separação é evitada pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar em uma vida cultural. (WINNICOTT, 1971, p. 151)

Além disso, é a onipotência inicial que engendra o processo no qual o indivíduo abandona gradualmente o controle mágico da realidade externa e passa a percebê-la em termos objetivos (WINNICOTT, 1988). A partir da confiança proporcionada pela preocupação materna primária e pela experimentação da onipotência, surge o brincar como uma maneira de se lidar com a constatação da precariedade da criatividade primária e do controle mágico dos objetos.

A confiança se espalha para o espaço potencial existente entre a mãe e o bebê, espaço simultaneamente de união e separação, que constitui uma espécie de *playground* para a criança, uma vez que é nele que o brincar se inicia. Sobre a importância brincar, Winnicott (1971) afirma que:

... é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e o controle de objetos reais. É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança. (p. 71)

Contudo, o brincar e a passagem dos fenômenos puramente subjetivos para a introdução do princípio de realidade não pode acontecer sem que o bebê possa colorir o mundo externo usando como material suas primeiras experiências de ilusão e onipotência. Estamos falando do paradoxo no qual o objeto já possui sua existência própria dentro da realidade externa, ao mesmo tempo em que se encontra dentro da área dos fenômenos subjetivos do bebê. O objeto é e não é a realidade externa; o paradoxo deve ser aceito, e não resolvido.

Abre-se uma terceira área da experiência pautada pelos fenômenos transicionais e pelo brincar, uma *“... área intermediária que tem a ver com a experiência de viver e que não é nem sonho e nem relação de objeto. Ao mesmo tempo em que não é nem um nem outro destes, é também ambos”* (WINNICOTT, 1968b, p. 161). Os objetos com que o bebê passa a se relacionar não estão dentro – uma vez que fazem parte da realidade compartilhada – nem estão fora – já que o controle mágico sobre eles e a onipotência ainda são um fato. Encontram-se, portanto, na fronteira, no limite entre mundo interno e mundo externo.

Trata-se de um estado temporário, período no qual se concede ao bebê a reivindicação de ter criado o objeto, apesar do fato de que o objeto já se encontrava ali, disponível para ser criado. Tal reivindicação, em tempos posteriores, faz com que o indivíduo receba a alcunha de “louco”; porém, na infância, constitui uma etapa do desenvolvimento emocional saudável.

Entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido existe uma terra de ninguém, que na infância é natural, e que é por nós esperada e aceita. O bebê não é desafiado no início, não é obrigado a decidir, tem o direito de proclamar que algo que se encontra na fronteira é ao mesmo tempo criado por ele e percebido ou aceito no mundo, o mundo que existia antes da concepção do bebê. (WINNICOTT, 1988, p. 127).

Antes que o indivíduo constitua de fato uma unidade, as relações objetais encontram-se dentro da esfera de um isolamento puramente subjetivo. O seio é um objeto parcial criado pela mágica infantil onipotente e faz parte do que, do ponto de vista do observador, poder-se-ia chamar de realidade interna do bebê. O objeto

transicional depende de um bom objeto introjetado que, por sua vez, depende da presença da mãe suficientemente boa para que seja real e desprovido de qualidades persecutórias. Já o objeto transicional não se encontra sob o controle mágico do mundo interno da criança, tampouco é independente da ilusão desta. Trata-se da primeira posse Não-eu do bebê, mas que, para se manter viva, depende da do objeto bom introjetado, sem o qual perde o sentido para ele.

Vê-se que o objeto transicional não é uma alucinação, embora nele estejam presentes as primeiras experiências de ilusão do bebê. É dentro da área de experiência dos fenômenos transicionais que o indivíduo se torna apto a “... *entremear objetos ‘diferentes-de-mim’ no padrão pessoal*” (WINNICOTT, 1971, p. 16). Inicia-se uma relação de objeto de caráter afetivo sobre a qual o bebê adquire o direito de fazer experimentações – das quais fazem parte tanto o amor primitivo quanto o erotismo muscular e a agressividade – que levam em conta tanto o mundo interno quanto o mundo da realidade compartilhada.

Dentro do desenvolvimento maturacional do lactente, são as primeiras experiências de ilusão providas pela mãe suficientemente boa que capacitam o bebê a posteriormente fazer uso da ilusão na área dos fenômenos transicionais e do brincar. Após ter tido a experiência de ser o criador do mundo, um gradual processo de desadaptação da mãe às necessidades de seu filho fazem com que este perceba que os objetos não vivem sob o regime das leis mágicas de seu mundo interno sendo, portanto, reais. Uma mãe que permaneça por tempo demasiado em sua tarefa de se identificar totalmente com o bebê pode vir a prejudicá-lo, uma vez que “... *a adaptação exata se assemelha à magia, e o objeto que se comporta perfeitamente não se torna melhor do que uma alucinação*” (WINNICOTT, 1971, p. 25).

Na medida em que o bebê adentra na área dos fenômenos transicionais, o vemos migrando de sua criatividade primária em direção ao reconhecimento pleno do princípio de realidade, embora não tenha ainda chegado ao seu destino final. Suas primeiras experiências de ilusão poderão ser usadas para ajudá-lo em sua trajetória, mantendo vivo o seu padrão pessoal e seu sentido de *self*. “*Os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser*

humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser” (WINNICOTT, 1971, p. 26).

Neste contexto, a criança passa a selecionar fragmentos da realidade externa que vai gradualmente ganhando forma na medida em que ela os investe com sentimentos e expressões de potencial onírico de seu mundo interno – que por sua vez ganham representabilidade no mundo externo. O pensamento mágico cede lugar à experimentação e manipulação dos objetos por meio da brincadeira. O viver criativo e o sentimento de *self* têm aí a sua raiz.

2.2. DO ESPAÇO POTENCIAL À EXPERIÊNCIA CULTURAL

A consequência do desenvolvimento emocional no que tange aos fenômenos transicionais é a capacidade do indivíduo de fazer uso de uma área neutra da experiência (área do brincar que tem seu início no espaço potencial entre a mãe e o bebê) que o acompanhará para o resto de sua trajetória de vida. Sua existência não será jamais contestada e o ajudará em sua tarefa de manter separados, e ao mesmo tempo em permanente comunicação, seu mundo interno e a realidade externa. A afronta que representa o princípio de realidade poderá não apenas ser tolerada, como também ser usada para enriquecer as experiências subjetivas do sujeito através de mecanismos de projeção e introjeção.

Vemos que a tensão que no início da vida se apresenta ao bebê entre sua criatividade primária e a realidade compartilhada nunca é resolvida inteiramente:

Presume-se aqui que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa, e que o alívio desta tensão é proporcionado por uma área intermediária da experiência (cf. Riviere, 1936) que não é contestada (artes, religião, etc.). (WINNICOTT, 1971, p. 28-29)

Na medida em que esta área neutra, intermediária, é expandida na experiência da criança, ampliando-se em círculos cada vez mais amplos, o objeto transicional pode ser descateixizado³, abrindo espaço para que as experiências e interesses culturais

³ O objeto transicional não é pranteado. Ver Winnicott (1971).

entrem em cena. Dessa maneira, os fenômenos transicionais se espalham por um vasto espaço que se interpõe entre o indivíduo e o mundo, possibilitando que sua criatividade alcance territórios de abrangência crescente, cuja origem se encontra no espaço potencial existente entre a mãe suficientemente boa e seu bebê. Na saúde, a objetividade deste mundo cada vez mais amplo nunca chega a um estado puro, uma vez que *“... aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido”* (WINNICOTT, 1971, p. 96).

Na esteira do desenvolvimento dos fenômenos transicionais e do brincar, ganha sentido a experiência cultural⁴. A transicionalidade, ao se expandir para o campo da cultura, faz com que esta remeta ao espaço potencial entre a mãe e o bebê, oferecendo material para o viver criativo e simbolizando a confiança e a união com a figura materna que sustentou o indivíduo no início de sua vida.

Como extensão do paradoxo da criação do objeto – objeto que já estava lá, esperando para ser criado, de maneira a simbolizar tanto o Eu quanto o Não-eu, tanto a união quanto a separação com a mãe – surge o fato de que a contribuição do indivíduo ao campo da cultura pode ser criativa apenas na medida em que se baseia na tradição pré-estabelecida. *“A integração entre a originalidade e a aceitação da tradição como base da inventividade parece-me apenas mais um exemplo, e um exemplo emocionante, da ação recíproca entre separação e união”* (WINNICOTT, 1971, p. 138).

Vemos que a inserção do indivíduo na cultura está diretamente relacionada ao destino que se dá ao espaço potencial entre bebê e mãe. No desenvolvimento emocional saudável, as conquistas do indivíduo em direção à independência são acompanhadas pela possibilidade de se preencher este espaço com material criativo e imaginativo, de modo que a separação nunca acontece de fato. Círculos de afeto e segurança podem ser sucessivamente rompidos sem constituir uma ameaça ao

⁴ Ao utilizar o termo cultura, Winnicott (1971) não o faz em relação ao conteúdo específico de uma ou outra cultura em particular, mas sim ao tipo de experiência comum a todos os seres humanos no que tange ao usufruto da herança cultural humana e na possibilidade de se identificar e de contribuir com esta.

continuar a ser do indivíduo, já que um círculo mais amplo – que paradoxalmente remete à confiança sentida durante o estágio de dependência absoluta – está sempre pronto para ser descoberto. A fidedignidade do *holding* e do ambiente do bebê conduz ao relacionamento criativo com a herança cultural disponível e à autonomia.

Podemos agora tentar formular uma resposta à pergunta: “qual a localização da experiência cultural?”. Que lugar habitamos a maior parte do tempo de nossas vidas, quando nos relacionamos com o mundo a partir de nossa capacidade de, em alguma medida, viver criativamente nele? Vimos que não se trata de um lugar dominado exclusivamente pela dinâmica intrapsíquica; não estamos sonhando quando apreciamos um filme de nosso agrado, embora a riqueza de nosso mundo interno esteja posta de alguma maneira. Tampouco estamos simplesmente nos adaptando ou reagindo à realidade compartilhada, embora o mundo externo faça parte da experiência de fruição de qualquer tipo de prazer estético.

A localização encontra-se, portanto, nesta terceira área, nesta zona neutra e intermediária dos fenômenos transicionais e que surge em consequência do desenvolvimento do brincar e de seu caráter não-intencional e não-instintual. Tal lugar tem sua semente “... *no espaço potencial entre a uma criança e a mãe, quando a experiência produziu na criança um alto grau de confiança na mãe, no fato de que ela não vai faltar quando a criança dela tiver necessidade*” (WINNICOTT, 1967, p. 20) e conduz ao vínculo com a ampla herança cultural humana. Permite, dessa forma, que a própria cultura simbolize a união com a figura materna, e remeta ao *holding* e ao sentimento de *self* – ao núcleo da personalidade permanentemente enriquecido pelo lugar em que vivemos.

3. AGRESSIVIDADE E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

3.1. MOTILIDADE E EXPERIÊNCIA INSTINTIVA

A fim de iniciarmos uma argumentação sobre o papel da agressividade no desenvolvimento emocional normal, é necessário apontar uma diferenciação sobre dois possíveis significados da agressividade, tornando assim possível falarmos de como

esta se apresenta na vida emocional do bebê e qual o seu papel nos processos de maturação deste.

Num estágio primitivo do desenvolvimento, antes de constituir uma reação à frustração ligada ao funcionamento do princípio de realidade e à impossibilidade de se encontrar o objeto de descarga instintiva esperado, a agressividade aparece vinculada à motilidade do bebê. *“Em resumo, a agressão tem dois significados. Por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração. Por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo”* (WINNICOTT, 1964, p. 102-103). *“Se tentarmos observar o início da agressividade num indivíduo, o que encontraremos é o fato de um movimento do bebê”* (Id., p. 103).

O erotismo muscular leva a criança a mover-se prazerosamente e a experimentar sua vitalidade de forma espontânea, e neste movimento – desprovido de qualquer intencionalidade – ela pode se beneficiar da *“... experiência de mover-se e dar de encontro com alguma coisa”* (WINNICOTT, 1964, p. 104). É a partir deste aspecto inicial da agressividade que podemos observar a evolução para manifestações agressivas que incluam a raiva e constituam de fato uma expressão de ódio, levando a idéias e fantasias destrutivas e suas importantes conseqüências.

Contudo, estes últimos elementos fazem parte de um desenvolvimento posterior, e ao analisarmos a agressividade em suas manifestações iniciais devemos nos ater ao âmbito da motilidade e aos impulsos que levam o bebê a mover-se e a descobrir e explorar o mundo. Vemos aí o germe de um relacionamento com objetos externos ao *self*⁵; *“a agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu”* (WINNICOTT, 1964, p. 104).

A motilidade data de um período da vida intra-uterina, no qual os movimentos fetais constituem as suas primeiras manifestações. Quando os impulsos instintivos entram em cena, *“é preciso que cada bebê injete o máximo de motilidade primitiva nas experiências do id”* (WINNICOTT, 1950-55, p. 297). Devemos afirmar, então, a existência de um erotismo muscular que acarreta num potencial de motilidade, do

⁵ O papel da agressividade nas experiências do indivíduo com objetos fora de sua área de controle onipotente será retomado mais à frente, ao considerarmos o surgimento da capacidade de usar objetos no processo de desenvolvimento emocional.

qual uma parcela será fusionada ao potencial erótico relativo aos impulsos instintivos, com o restante ficando disponível para finalidades puramente motoras. O potencial de motilidade não fusionado fica ligado não a necessidades de satisfação e gratificação instintiva, mas a experiências de encontro com objetos externos, fazendo parte, portanto, da descoberta e exploração de um mundo externo ao *self*.

Em termos bem grosseiros direi que essa parte da motilidade precisa de algo para empurrar, caso contrário permanecerá sem experiências e constituirá uma ameaça para o bem-estar. Na saúde, porém, por definição, o indivíduo sente o prazer de buscar a oposição adequada. (WINNICOTT, 1950-55, p. 298)

No caso do potencial de motilidade fusionado às experiências eróticas, podemos dizer que contribui para que os impulsos instintivos sejam acompanhados de um sentido de *self* e a sensação de existir, fazendo com que as demandas do id e as gratificações instintivas constituam uma experiência do ego, estando intimamente relacionadas a ele e ao desenvolvimento emocional saudável.

Enquanto o componente erótico da satisfação instintiva encontra satisfação no ao relacionar-se com um objeto subjetivo, o componente agressivo faz com que o indivíduo vislumbre em alguma medida a existência de um mundo externo fora da área de seu controle onipotente, já que só obtém satisfação mediante o esforço em encontrar oposição em algum objeto Não-eu. *“A existência de erotismo nos músculos e em outros tecidos que participam do esforço é um fato, mas se trata de um erotismo de natureza diferente daquele associado a zonas erógenas específicas”* (WINNICOTT, 1950-55, p. 301).

É a oposição que transforma o impulso espontâneo do bebê em agressividade e que o leva a buscar a realidade compartilhada, e não apenas o objeto criado a partir de seu narcisismo primário. É por meio desta agressividade que ele reconhece a existência de um ambiente Não-eu e, conseqüentemente, os primórdios de um Eu separado do mundo. Tais experiências são dotadas de um sentido de realidade que o lactente poderá prontamente fundir às suas experiências eróticas, dessa maneira enriquecidas pela motilidade.

3.2. AMOR PRIMITIVO E CONCERN

Podemos dizer que a agressividade já se encontra na personalidade do bebê bem antes que este venha constituir uma unidade. Na medida em que os cuidados maternos proporcionam ao indivíduo experiências de estar integrado em uma unidade psicossomática e de possuir uma membrana limitadora de um interior e um exterior, a agressividade deixa de ser uma função parcial e não-intencional para se complexificar na experiência do lactente, trazendo novos desafios para seu processo maturacional. *“Na medida em que o comportamento é proposital, a agressividade é intencional. Surge aqui imediatamente a fonte da agressividade – a experiência instintiva. A agressividade faz parte da expressão primitiva de amor”* (WINNICOTT, 1950-55, p. 289).

O desenvolvimento emocional do bebê o leva à experiência de fusão dos elementos erótico e agressivo presentes nas manifestações do amor primitivo, ambos direcionados a um mesmo objeto, levando-o à conquista da ambivalência e a sua gradual aceitação.

Do lado erótico há tanto procura de satisfação como procura do objeto, e do lado agressivo há um complexo de raiva empregando erotismo muscular e ódio, que envolve a retenção de um objeto bom em imagem, para comparação. Além disso, o impulso agressivo-destrutivo global pertence a um tipo primitivo de relação objetal, em que amar envolve destruição. (WINNICOTT, 1963, p. 71)

Vemos o quão complexa é a passagem de um impulso de amor primitivo – o que inclui ataques imaginários ao objeto e a sua conseqüente destruição – para o amor que inclui a piedade e o *concern*. Quando o ego ainda se encontra num estágio bastante frágil e incipiente, a aceitação da responsabilidade pelas conseqüências dos impulsos instintivos ainda não é uma possibilidade e a destrutividade é um aspecto inerente aos impulsos do id – sendo, portanto, não-proposital.

Quando a integração passa a constituir um elemento estável na experiência do indivíduo – bem como a capacidade para habitar um corpo e viver uma existência psicossomática – este passa a se relacionar com objetos não mais situados dentro de sua experiência subjetiva de onipotência. Surge então a percepção dos objetos também dotados de uma unidade com uma membrana limitadora entre exterior e

interior e com a complexidade de seu próprio mundo interno. O bebê se vê às voltas com a necessidade de considerar as conseqüências de seus impulsos instintivos direcionados a objetos totais – o que acontece de maneira gradativa e com o auxílio de uma mãe consistentemente presente e confiável.

Neste contexto, a capacidade para sentir culpa e para se deprimir surgem como uma conquista do desenvolvimento emocional, possibilitando ao bebê a entrada no estágio do *concern*. As conseqüências das experiências instintivas e a fantasia destrutiva que as acompanham passam a ser um elemento importante na experiência psíquica do indivíduo, e a possibilidade de reparar e restituir – que dão origem à atividade social e ao trabalho – permite que a culpa conduza à aceitação da agressividade. Esta pode então continuar a ser experimentada dentro de limites seguros (WINNICOTT, 1950-55).

“Em condições favoráveis, portanto, o bebê se torna capaz de separar o que é bom e o que é mau no interior do self” (WINNICOTT, 1988, p. 90). Torna-se possível uma conciliação satisfatória para a luta que se estabelece dentro do *self* da criança entre as forças e objetos maus que ameaçam constantemente aquilo que ela sente como bom. Trata-se de um mundo interno dotado de características mágicas, no qual a destruição e a construção criativa constituem um fato.

A crescente integração na personalidade imprime um propósito no impulso instintivo, e a constatação da exterioridade de objetos não-eu objetivamente percebidos leva à fantasia na criança de uma destruição mágica já que, *“na mágica infantil, o mundo pode ser aniquilado num abrir e fechar de olhos, e recriado através de um novo olhar e uma nova fase de necessidade”* (WINNICOTT, 1984, p. 109). As experiências reparatórias e a capacidade de sentir culpa, aliadas à necessária sobrevivência da mãe e a aceitação por parte desta dos gestos reparadores do bebê, permitem que este abandone as fantasias de destruição e construção mágicas; os limites da realidade protegem-no de suas fantasias onipotentes.

Pode-se apreender daí o valor positivo que a introdução gradual do princípio de realidade tem para a criança, uma vez que coloca limites seguros à sua fantasia, protegendo-a da implacabilidade característica de seu amor primitivo. A

responsabilidade pela fantasia inconsciente e pelas relações objetais pode assim ser assumida, favorecendo a integração dos impulsos agressivos ao erotismo e o concernimento pelos objetos de investimento do amor primitivo. A vida subjetiva e a riqueza do mundo interno só podem ser bem aproveitadas dentro da moldura proporcionada pela realidade externa que protege o *self* das fantasias relacionadas ao amor e ódio; *“o impacto total da fantasia pode ser tolerado somente quando a realidade externa é suficientemente levada em conta”* (WINNICOTT, 1945, p. 228).

A agressividade passa, então, a ser experimentada dentro de um outro contexto: *“O que é mau é retido por algum tempo, para ser usado em expressões de raiva, e o que é bom é retido para servir ao crescimento pessoal, bem como à restituição e à reparação[...]”* (WINNICOTT, 1988, p. 91). Um círculo benigno se estabelece, e cada vez mais as experiências reparadoras dão confiança para que o bebê viva seus impulsos instintivos com maior liberdade e segurança.

3.3. A MÃE-AMBIENTE, A MÃE-OBJETO E A CAPACIDADE DE SE PREOCUPAR

Enquanto o bebê se encontra não-integrado e desprovido de um sentido de unidade pessoal, podemos dizer que o campo de sua experiência é pautado por dois estados dissociados, um tranqüilo e outro excitado, marcados respectivamente por dois tipos de vínculo que ele estabelece com a mãe – o primeiro com a mãe-ambiente e o segundo com a mãe-objeto. Assim, o cuidado que recebe o lactente apresenta-se em duas formas bastante distintas, uma ligada à provisão do objeto parcial capaz de satisfazer a demanda instintiva, e outra ao manejo global do ambiente total que lhe sustenta e garante sua continuidade de ser.

Nesta linguagem é a mãe ambiente que recebe tudo que pode ser chamado de afeição e coexistência sensual; é a mãe objeto que se torna o alvo da experiência excitante baseada na tensão crua do instinto. Minha tese é que a preocupação surge na vida do bebê como uma experiência altamente sofisticada ao se unirem na mente do lactente a mãe objeto e a mãe ambiente. (WINNICOTT, 1963, p. 72)

Existe um momento, portanto, em que o bebê ainda não percebe que a mãe que é atacada impiedosamente nos momentos de excitabilidade e de descarga da tensão instintiva é a mesma mãe relacionada aos cuidados maternos e ao *holding*

oferecido nos momentos de tranqüilidade e de ausência de demandas instintivas. O amor primitivo se apresenta em toda a sua implacabilidade (*ruthlessness*) e a culpa não pode ser um elemento da experiência, já que as conseqüências do ataque e do ódio inerente ao impulso primitivo não são levadas em conta; agressividade é experimentada de forma impiedosa.

Podemos considerar axiomático o fato de que o bebê humano é incapaz de suportar o peso da culpa e do medo resultantes de um reconhecimento pleno de que as idéias agressivas contidas no amor instintivo primitivo e implacável estão dirigidas à mesma mãe da relação de dependência (anaclítica). (WINNICOTT, 1988, p. 90)

Isto leva a uma nova necessidade do desenvolvimento emocional saudável do indivíduo. Além da fusão dos elementos agressivos e eróticos inerentes ao amor primitivo, apresenta-se uma nova fusão de dois tipos de relacionamento do lactente com sua mãe até então dissociados: o relacionamento com a mãe-objeto – com suas respectivas fantasias de sadismo oral e sua implacabilidade – e o relacionamento com a mãe ambiente – marcado pelo *holding* e pelo estado ameno e tranqüilo do bebê.

A ansiedade ligada à possibilidade de se destruir a mãe-objeto é amparada por sua sobrevivência e pela confiança em que, após a descarga instintiva, lá estará a mãe-ambiente pronta para aceitar o gesto reparador, sem nunca abdicar de sua função de estar disponível e de sua capacidade de identificação com as necessidades de seu filho.

“Em circunstâncias favoráveis se erige uma técnica para a solução desta forma complexa de ambivalência” (WINNICOTT, 1963, p. 73). A ansiedade relativa ao ataque instintivo impiedoso é mitigada pela confiança na permanência da mãe-ambiente que estará disponível para aceitar a contribuição, o que leva também a uma confiança audaz em se experimentar os impulsos instintivos, de maneira que a personalidade se enriquece com estes. A culpa conseqüente da tolerância dos dois tipos de relacionamentos (excitado e tranqüilo) pode assim permanecer latente e nem chegar a ser sentida devido à confiança na possibilidade de reparação, tornando desnecessária a manifestação de um humor depressivo.

Quando a confiança neste ciclo benigno e na expectativa da oportunidade se estabelece, o sentimento de culpa relacionado com os impulsos do id sofre nova

modificação; precisamos então de um termo mais positivo, tal como “preocupação”. O lactente está agora se tornando capaz de ficar preocupado, de assumir responsabilidade por seus próprios impulsos instintivos e as funções que dele fazem parte. (WINNICOTT, 1963, p. 73)

Neste processo, o fator tempo tem um papel importante e está diretamente relacionado à capacidade do lactente de reter a imagem da mãe viva e disponível em seu mundo interno. A continuidade dos cuidados e da presença materna coloca em marcha um tempo contínuo que aos poucos passa a fazer parte da experiência do bebê. Este passa, portanto, a ter um sentido de tempo pessoal, no início por um período restrito que vai gradativamente se alargando na medida em que o processo maturacional do lactente permite-lhe manter viva a imagem introjetada da mãe por um período mais longo.

A gradual aceitação da responsabilidade pelas conseqüências do amor primitivo diz respeito à integração do próprio indivíduo e a conseqüente percepção deste de que a mãe que lhe sustenta é a mesma mãe que lhe oferece o seio para ser implacavelmente atacado. Uma vez que ela é capaz de sobreviver aos ataques e se manter disponível para as necessidades de seu filho, este terá a chance de oferecer um gesto reparador à mãe-ambiente que deverá ser prontamente aceito e valorizado – o que permite que a culpa não seja efetivamente experimentada ou possa ser retida pela expectativa da futura reparação. “*A esta culpa que é retida, mas não sentida como tal, denominamos ‘preocupação’*” (WINNICOTT, 1963, p. 78).

O processo de aceitação da ambivalência do amor e do ódio dirigidos ao objeto e a fusão das experiências ligadas aos estados tranqüilos e excitados desembocam, dessa forma, na capacidade do bebê de se preocupar, trazendo uma importante conquista para seu desenvolvimento emocional.

3.4. O USO DO OBJETO

Outra importante conquista maturacional relacionada à agressividade e à capacidade de colocar os objetos para fora da área de fenômenos subjetivos, cedendo lugar à realidade compartilhada, é a capacidade do indivíduo de usar o objeto (WINNICOTT, 1971).

Tal capacidade se diferencia da relação com o objeto por considerar este em sua existência própria, com suas características independentes percebidas objetivamente. Não se trata, portanto, de um relacionamento que possa ser descrito levando-se em conta o indivíduo como ser isolado em um mundo subjetivo, investindo o objeto a partir deste mundo por meio de um feixe de projeções (WINNICOTT, 1971).

Na relação de objeto, o sujeito permite que se efetuem certas alterações no eu (*self*) [...]. Mecanismos de projeções e identificações estiveram operando e o sujeito está esvaziado a ponto de algo seu ser encontrado no objeto, embora enriquecido pelo sentimento. (WINNICOTT, 1971, p. 123)

Quando falo do uso de um objeto, entretanto, tomo a relação de objeto como evidente e acrescento novas características que envolvam a natureza e o comportamento do objeto. (*Id.*)

Vemos então que, ao usar um objeto, o bebê já se encontra operando dentro do princípio de realidade, podendo aceitar a existência do objeto em si, anterior ao momento em que foi catexizado pelo indivíduo, e não mais como uma entidade projetiva. Conquistas desenvolvimentais complexas já foram consistentemente adquiridas para que se torne possível este complexo fenômeno.

Vemo-nos então às voltas com a pergunta: como acontece este processo no qual o indivíduo coloca o objeto para fora da área de seu controle onipotente e passa a percebê-lo como algo que tem direito a uma existência própria, objetivamente percebida? Na passagem do relacionamento para o uso do objeto entra em cena a agressividade destrutiva inerente ao amor primitivo e a importante sobrevivência do objeto desprovida de retaliação.

Não se trata, portanto, da percepção da externalidade do objeto seguida de raiva à frustração que ela impõe, e sim de como o próprio impulso destrutivo permite que a objetividade do mundo externo seja descoberta. Se o objeto sobreviveu ao impulso, então é porque tem uma existência própria e autônoma que não corresponde às leis mágicas do mundo interno da criança, e é a partir desta existência que ele passa a ter valor afetivo para ela. Enquanto o objeto é amado, é também simultaneamente destruído pelo indivíduo em sua fantasia inconsciente, tornando possível a constância

objetal e o uso do objeto, levando em conta as suas próprias características. A projeção passa então a ter o papel de levar o sujeito a perceber que o objeto ali se encontra, porém não é ela mais o motivo exclusivo de que ele existe.

[...] Devido à sobrevivência do objeto, o sujeito pode agora começar a viver no mundo dos objetos e, assim, vem a lucrar imensuravelmente; mas o preço tem de ser pago na aceitação da destruição em progresso na fantasia inconsciente com respeito à relação de objeto. (WINNICOTT, 1971, p. 126)

II. O PROCESSO ADOLESCENTE E A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE

1. UMA ABORDAGEM WINNICOTTIANA AO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA ADOLESCÊNCIA

Ao atingir a puberdade, o indivíduo já viveu, antes da fase de latência, questões importantes relativas ao seu desenvolvimento emocional primitivo e ao desenvolvimento libidinal. Passou pelo Complexo de Édipo, com suas duas posições de relacionamento triangular com as figuras parentais. Desenvolveu formas de lidar com as tensões instintivas, e defesas características organizadas frente a situações ansiógenas ou conflitos de ordem instintiva, geradores de tensão. Podem ter subsistido fixações pré-genitais que levam a um determinado tipo de vivência de impulsos instintivos e conflitos psiconeuróticos, bem como defasagens no processo de integração da personalidade devido a falhas ambientais, trazendo problemas para seu amadurecimento e para a constituição de uma identidade própria.

As experiências vividas pelo indivíduo durante a infância têm um peso acentuado na constituição de sua personalidade e questões relativas à integração dos impulsos destrutivos inerentes ao amor primitivo podem ressurgir ou se reatualizar de maneira problemática. É sob o peso dessas organizações defensivas e das experiências estabelecidas e vividas na infância, assim como de tendências pessoais herdadas e adquiridas, que o sujeito entrará na adolescência e vivenciará sua nova capacidade sexual e suas manifestações sexuais secundárias (WINNICOTT, 1961, pg. 116).

Poderíamos começar a analisar a adolescência tendo como referência suas questões relativas ao desenvolvimento libidinal e às mudanças no id, com as sucessivas predominâncias das zonas erógenas. Sobre este aspecto da puberdade, Winnicott (1960) afirma que *"... a idéia de adolescência surge no momento em que as mudanças da puberdade ascendem ao primeiro plano e as defesas contra a ansiedade organizadas nos primeiros anos de vida reaparecem ou tendem a reaparecer na psique do indivíduo"* (p. 130).

É um fato bem aceito e conhecido que, após o período de latência, o jovem recebe uma nova investida do id, e esperamos que isso se dê no âmbito de uma

genitalidade bem estabelecida. Sem dúvida, distúrbios psiconeuróticos, fixações pré-genitais e organizações defensivas originadas na primeira infância frente a ansiedades e conflitos podem colocar grandes dificuldades para o desenvolvimento do adolescente, levando a manifestações patológicas no caráter e na personalidade (WINNICOTT, 1967). Isto aponta para a importância da sexualidade infantil, da resolução do complexo de Édipo, dos modos como o sujeito se organiza frente a conflitos e tensões instintivas e a angústia que lhes corresponde. Contudo, os:

... Púberes não se enganam com a idéia de que os impulsos instintivos sejam tudo, e de fato eles estão essencialmente preocupados com o ser, com o estar em algum lugar, com se sentirem reais e em adquirir algum grau de constância objetal. Eles precisam ser capazes de cavalgar os instintos, em vez de serem esmigalhados por eles. (WINNICOTT, 1967, p. 4)

A nova investida do id, que sucede o período de latência e atinge o adolescente, só ganha sentido para o sujeito se for integrada a um ego capaz de se fortalecer com tais impulsos instintivos, o que remete necessariamente ao começo da vida do indivíduo, com o ambiente que lhe foi oferecido e em como este interagiu com sua tendência inata à integração; estamos falando, portanto, de uma qualidade da subjetividade, de um self central bem estabelecido e com um sentimento de realidade satisfatório, que podem ser contemplados na medida em que lançamos mão de uma psicologia do ego (WINNICOTT, 1967, p. 8).

A adolescência se trata de um período no qual “... *reaparecem os mesmos problemas que estiveram presentes nos primeiros estágios, quando as crianças eram bebês ou criancinhas relativamente inofensivas*” (WINNICOTT, 1968, p. 153). Assim como no início da vida do indivíduo, o ambiente facilitador desempenha papel fundamental no amadurecimento do adolescente⁶.

⁶ Entretanto, não há garantia de que o suprimento do ambiente satisfatório conduza necessariamente o jovem a um amadurecimento pleno: “*a economia interna de cada indivíduo pode apresentar seus próprios riscos, e a meta principal da terapia individual é esclarecer essas tensões internas*” (WINNICOTT, 1960, p. 135). Sendo assim, a dinâmica intrapsíquica de cada sujeito, com suas fixações e conflitos instintivos, podem perturbar a saúde do indivíduo, apesar de que sua resolução não seja condição suficiente para que possamos compreendê-lo em termos de saúde.

O papel desempenhado pelo ambiente é muitíssimo significativo neste estágio, tanto assim que, num relato descritivo, é preferível pressupor a existência e continuidade do interesse do pai e da mãe da própria criança e da organização familiar mais ampla (WINNICOTT, 1963b, p. 164).

Levando em conta a importância do ambiente ao analisarmos as questões pertinentes à adolescência, estaremos considerando especialmente a trajetória do indivíduo da dependência rumo à independência, o que passa pela conquista de uma identidade criativa e pela aquisição de um padrão pessoal que dê sentido aos impulsos instintivos e às relações objetais. Desafios relativos à aquisição de uma existência psicossomática, relações interpessoais e a objetos pertencentes à realidade compartilhada, diferenciação entre onipotência subjetiva e princípio de realidade, formação de um *self* central em oposição a um falso *self* (em certa medida necessário à adaptação do sujeito ao mundo externo) e integração dos impulsos agressivos inerentes ao amor primitivo ressurgem e se reatualizam na adolescência, trazendo dificuldades tanto para os jovens quanto para suas famílias e para a sociedade.

Segundo Winnicott (1968), a provisão de um ambiente satisfatório durante a primeira infância, conduzindo a uma adolescência saudável e criativa, não traz uma situação necessariamente tranqüila à prova de turbulências e percalços durante esta fase do desenvolvimento. Pelo contrário, um indivíduo que tenha experimentado as conquistas de uma maternagem suficientemente boa e atingido um grau satisfatório de integração e de sentimento de realidade não se contentará com falsas soluções ou com compromissos “diplomáticos” como uma forma de se lidar com os novos desafios que se apresentam.

2. RUPTURA E RETORNO AO CÍRCULO FAMILIAR: REBELDIA E DEPENDÊNCIA

Um destes desafios diz respeito à necessidade do adolescente de ampliar o ambiente que o circunda e que até aquele momento lhe deu segurança. Se, no começo da vida, o *holding* oferecido pela identificação materna primária vai aos poucos se ampliando para a figura do pai – que gradualmente adquire a sua importância enquanto homem – e para a família como um todo, na adolescência a sociedade, com

suas instituições e agrupamentos cada vez mais amplos, passam a fazer parte do mundo do jovem.

Surge então a necessidade de interação com um círculo cada vez mais amplo que ofereça cuidados ao indivíduo e que seja capaz de aceitar suas contribuições vindas de um impulso espontâneo de criatividade (WINNICOTT, 1960). Para isso, o adolescente deve romper o círculo de segurança, força e afeto que lhe sustentava até aquele momento, o que implica necessariamente uma atitude violenta e agressiva – ao menos enquanto representação na fantasia inconsciente – que pode ser observada na postura oposicionista e na rebeldia do adolescente. Tal característica, bastante marcante e facilmente apreendida pelo senso comum, adere muitas vezes ao jovem o rótulo de “rebelde sem causa”.

Sem causa? Tal afirmação é extremamente ilustrativa do quanto temos dificuldades em captar quais são as vivências e demandas dos adolescentes e do quanto reprimimos nossas próprias angústias inerentes a esta fase. A causa que subjaz à imaturidade e à rebeldia do adolescente é aquela que constitui o centro de todo o processo de desenvolvimento emocional: a da continuidade da existência, de se sentir real, de estar em algum lugar e com algum sentido de ser.

Contudo, o adolescente traz a característica marcante de não aceitar falsas soluções; ele não pode tolerar o meio-termo. Em sua luta para se sentirem reais, os adolescentes percebem em qualquer tipo de identificação com instituições ou agrupamentos sociais um elemento falso. O mundo dos adultos se lhes apresenta repleto de falsos caminhos e digressões em relação ao tema central, e sua única alternativa frente a essa ameaça de perda de identidade é opor-se a ele e combatê-lo, lançando mão de sua imaturidade e de seus ideais.

Ao nos debruçarmos sobre a rebeldia adolescente, prontamente nos colocamos diante de uma aparente contradição: a sua extrema dependência e necessidade de um ambiente seguro e confiável. Tal fato se relaciona à complexa trajetória do indivíduo saudável, que se lança da dependência absoluta e da necessidade de um meio externo

que sustente seu ego em formação à conquista de uma identidade própria e de sua independência⁷.

A aparente contradição entre dependência e rebeldia presente nas vivências dos adolescentes talvez seja mais bem elucidada se levarmos em conta que toda quebra de um círculo de segurança implica paradoxalmente um retorno à situação rompida:

Na rebeldia, o indivíduo rompe um círculo imediato que o envolve e dá segurança. Mas duas coisas são necessárias para que esse rompimento seja vantajoso. O indivíduo precisa inserir-se num círculo mais amplo que esteja pronto a aceitá-lo, o que equivale a dizer que ele tem a necessidade de retornar à situação rompida. (WINNICOTT, 1960, p. 132)

Isso equivale a dizer que, na saúde, o ambiente satisfatório deve oferecer ao sujeito que se lança no movimento de ampliar o seu mundo uma extensão de seu círculo de segurança, e não simplesmente a sua destruição, o que poderia acarretar uma quebra na continuidade da experiência, num cair para sempre. O novo ambiente que se apresenta para o indivíduo deve de alguma forma simbolizar aquele que acaba de ser rompido, o que remete, na fantasia inconsciente, ao *holding* que foi oferecido à criança no início de sua vida, à capacidade materna de identificação total com as necessidades do bebê. A confiança na sobrevivência e na estabilidade do ambiente permite que a agressividade necessária para seu rompimento e expansão seja experimentada com segurança.

Toda demanda inconsciente do sujeito direciona-se, dessa maneira, ao pai e à mãe. Conscientemente, o adolescente se distancia cada vez mais da dependência em relação à sua família nuclear, conquistando sua autonomia e experimentando novas identificações que configuram novos sentidos à sua realidade pessoal, bem como uma maior liberdade e riqueza em suas experiências pessoais. Ao mesmo tempo, existe a

⁷ Contudo, sabemos que uma independência total não é possível nem desejável. Não podemos incluir uma independência total em relação ao meio como uma das características pertencentes ao campo da saúde, uma vez que se aproximaria mais de um estado de reclusão, uma defesa contra a ameaça de desintegração que as relações objetais representaria (WINNICOTT, 1963c).

necessidade de conservar o vínculo primário com os pais e de manter o sentimento de pertencimento e segurança que lhe corresponde, o que é possível na medida em que haja a possibilidade de um retorno inconsciente a suas figuras introjetadas como objetos bons, garantindo a continuidade da experiência e alimentando o self central. É esta possibilidade de retorno que garante que a experiência de separação “... *constitua uma etapa do crescimento e não uma desarticulação da personalidade do indivíduo*” (WINNICOTT, 1960, p. 134).

Seguindo esta linha de argumentação, somos capazes de compreender a atitude intempestiva e iconoclasta da adolescência, bem como a necessidade de amparo e regressão a um estado de dependência que remonta aos primeiros estágios do desenvolvimento individual. Trata-se de uma fase de transição da dependência para a independência, dos cuidados familiares para o laço social que em alguma medida deve aludir à estabilidade ambiental e ao *holding* oferecido pelos pais, especialmente pela figura materna, durante a primeira infância.

Sendo assim, a família se apresenta como um fator fundamental para que se dê a passagem do adolescente para círculos sociais cada vez mais amplos. Ela deve adaptar-se às necessidades do indivíduo, permitindo que novas identificações tornem-se gradualmente possíveis, expandindo as experiências do adolescente para áreas cada vez mais abrangentes. Ao mesmo tempo, mantém-se como referência de uma estabilidade ambiental à qual se é possível retornar, ao menos na fantasia inconsciente:

Assim, a família contribui de dois modos [...] para a maturidade emocional do indivíduo: de um lado dá-lhe a oportunidade de voltar a ser dependente a qualquer momento; de outro, permite-lhe trocar os pais pela família mais ampla, sair desta em direção ao círculo social imediato e abandonar esta unidade por outras ainda maiores. (WINNICOTT, 1960, p. 137)

É muito importante que, a cada arroubo de iconoclastia, o indivíduo possa redescobrir nas formas rompidas o mesmo cuidado materno e parental e a mesma estabilidade familiar que embasavam sua dependência em épocas anteriores. É função da família constituir o terreno sobre o qual se desenvolve na prática esse dado essencial do crescimento pessoal. (*Id.*)

3. AGRESSIVIDADE E FANTASIA DE ASSASSINATO

A violência e ambivalência dos afetos relativos ao processo de separação e pertencimento na adolescência nos levam à análise de um aspecto particular da relação do púbere com suas figuras parentais. Dentro deste âmbito, enquanto a infância é marcada pela dependência absoluta em relação ao meio – e a correspondente ameaça de desintegração caso o ambiente falhe em suas funções de garantir as satisfações instintivas e o acúmulo de experiência de onipotência da criança –, à adolescência soma-se a necessidade de enfrentamento e de deposição violenta. *“Se o que existe na fantasia do crescimento primitivo é a morte, então na fantasia adolescente existe assassinato”* (WINNICOTT, 1968, p. 153).

Crescimento implica agressividade, e esta é direcionada necessariamente para as figuras parentais, contanto que estejam disponíveis. O desenvolvimento normal do adolescente o leva a abdicar de sua posição infantil para que haja possibilidade de emancipação de um adulto maduro, e isso não será possível sem a tomada do lugar dos pais, o que tem como representação inconsciente o assassinato e seu conseqüente triunfo pessoal. Tal questão se apresenta como central para o jovem, cujas próprias mudanças relativas a seu crescimento físico conferem nova significação à sua agressividade e à fantasia inconsciente que lhe corresponde. É sobre o corpo morto de um adulto que se sustenta a aquisição da maturidade do adolescente.

Com o passar do tempo, o jovem pode aceitar gradativamente a responsabilidade pelo que se passa em sua fantasia inconsciente e pela agressividade que lhe é inerente. A integração dos impulsos agressivos dentro de um *self* pessoal é uma tarefa difícil de ser alcançada, e neste percurso o adolescente lança mão de algumas formas características de se lidar com a culpa em com a ambivalência despertadas neste processo.

A precária elaboração egóica em relação aos elementos agressivos pode levar a uma persecutoriedade delirante, uma vez que esses elementos são projetados no ambiente devido à culpa irreconciliável. Dessa maneira, o adolescente pode até

mesmo, impulsionado por motivações inconscientes, provocar situações de confronto a fim de “... sair da loucura de um sistema persecutório delirante” (WINNICOTT, 1968, pg. 160), ou seja, buscar uma justificativa no mundo externo que traga algum alívio para o seu delírio persecutório.

A culpa que faz parte deste cenário pode também levar a tendências suicidas, que configuram uma forma patológica de se lidar com o ódio e a destruição que acompanham o amor primitivo dentro do *self*. O adolescente pode se responsabilizar pelo mal que existe no mundo como um todo para que, dessa forma, possa atingir algum nível de compreensão (mesmo que precário) de sua agressividade pessoal latente. Tal maneira de se lidar com a agressividade e com a culpa correspondente desemboca numa auto-depreciação e num sentimento de futilidade que pode encontrar no suicídio uma busca desesperada por um sentimento de realidade e um sentido para a existência.

A situação torna-se ainda mais difícil para o adolescente dado que qualquer identificação com instituições sociais representantes da cultura e das normas sociais prescritas pelos adultos consiste numa solução falsa, numa perda de identidade e da criatividade relativa à imaturidade. Dessa forma, ele tem à sua disposição uma capacidade restrita para confiar e apostar em possibilidades de reparação que fazem parte do mundo do trabalho e de suas contribuições, ou para se beneficiar do contato com a herança cultural do homem e seus conhecimentos acumulados, o que poderia diminuir o sentimento de culpa e o medo interno relativos aos impulsos agressivos e suas respectivas fantasias inconscientes. Ficam à deriva num mar revolto e intempestivo, e qualquer porto que surja no caminho é tido como não digno de confiança, um inimigo em potencial.

Sendo assim, ao analisarmos o tema da fantasia de assassinato e da agressividade necessárias para o desenvolvimento emocional do adolescente, vemos que, no que tange à sua atividade consciente, podemos observar diferentes formas de expressão. É evidente que o adolescente não se encontra numa posição fácil, e os sentimentos ambivalentes relativos ao triunfo pessoal pela morte de alguém podem suscitar diferentes estratégias de defesa e de elaboração. Se a família constituir um

ambiente forte e estável, será usada em larga medida pelo adolescente, que poderá experimentar sua agressividade com segurança e receber o acolhimento e a valorização de suas contribuições, quando for necessário. O uso de jogos, deslocamentos e identificações cruzadas também fazem parte deste cenário, podendo ajudar o adolescente em sua tarefa de dar um sentido para suas fantasias inconscientes.

4. IMATURIDADE E NECESSIDADE DE ENFRENTAMENTO

O indivíduo que chega à adolescência tendo usufruído de um desenvolvimento emocional saudável e de um ambiente facilitador satisfatório se lança agora num novo e difícil desafio, com novas necessidades que podem colocar os pais e a sociedade numa posição não muito agradável. A agressividade que acompanha o crescimento do adolescente, bem como sua imaturidade, demandam dos adultos uma postura de enfrentamento. *“O fato essencial é que somos desafiados, e encarar o desafio faz parte da vida adulta. Mas devemos encarar o desafio, e não tentar curar uma coisa que é essencialmente sadia”* (WINNICOTT, 1961, p. 127).

Se tal cenário exige um manejo delicado da família, também coloca o jovem numa posição complicada. Pode-se tentar amenizar o enfrentamento necessário através de acordos com os pais e de processos identificatórios que resultam numa falsa maturação. *“A identificação não representa, porém, uma solução satisfatória para a vida, a não ser que o menino ou a menina tenham chegado a realizar o sonho de uma deposição violenta”* (WINNICOTT, 1960, p. 135).

De uma maneira ou de outra, a conquista de uma identidade própria, com um sentido de realidade e um sentido de ser satisfatórios, é uma questão crucial para o desenvolvimento do adolescente a para a aquisição de um nível adulto por parte deste. A fuga do enfrentamento de que ele necessita só pode ocorrer com a conseqüente perda da espontaneidade e a falha na conquista de um *self* central verdadeiro e de um ego forte e maduro.

Os pais não têm nada a fazer a não ser sobreviver, resistir aos ataques que lhes serão feitos e compreendê-los como parte de um processo árduo de amadurecimento pelo qual eles também puderam passar se tiverem tido à sua disposição um ambiente facilitador durante sua própria adolescência. Devem confiar em sua própria maturidade e oferecer o enfrentamento e o princípio de realidade de que o adolescente necessita, não abrindo mão de posicionamentos que consideram importantes e se apoiando na experiência que sua idade legitimamente lhes confere, bem como em outros adultos.

Trata-se de um enfrentamento não retaliador – já que a fantasia persecutória do adolescente exige dos pais e dos adultos responsáveis uma atitude cuidadosa e paciente – mesmo que os filhos os coloquem no lugar de déspotas ou tiranos; os jovens têm o direito de agirem assim, e encontram nessa atitude uma forma de lidar com sua imaturidade e com sua dificuldade em superar seu sentimento de futilidade.

Ao analisarmos a imaturidade adolescente tendo em vista o processo de separação do jovem em relação à sua família e a deposição violenta dos pais que deve ser feita para que se leve a cabo um processo de amadurecimento saudável, perceberemos que esta imaturidade constitui um critério de saúde. Em sua busca por uma identidade própria, de uma alternativa aos modelos e ideais propagados no interior da família, o adolescente busca desenvolver suas próprias idéias sobre a vida e sobre a sociedade como uma forma de certificar o seu afastamento do círculo familiar e sua conquista de uma independência e liberdade cada vez maiores (WINNICOTT, 1960).

Ao mesmo tempo, tais idéias novas e estimulantes trazem a marca inegável da imaturidade, da irresponsabilidade e do idealismo: *“Eles [os adolescentes] ainda não se familiarizaram com a desilusão, e o corolário disso é que estão livres para construir planos ideais”* (WINNICOTT, 1968, p. 161). O púbere não pode atingir uma verdadeira aquisição de um nível adulto senão se servindo de sua imaturidade para experimentar impulsos e idéias que dificilmente são viáveis ou tem alguma aplicabilidade real. Mesmo assim, não deixam de ser estimulantes e necessárias para que a sociedade

possa ser arejada pela atividade imaginativa e pela criatividade de seus membros imaturos.

Desta forma, é necessário que esta fase seja efetivamente vivida para que o indivíduo possa realmente chegar à maturidade. Tal percurso tem um ritmo próprio, e a busca conflitiva por um sentido de realidade próprio não pode ser verdadeiramente atingido queimando-se etapas. A imaturidade é um direito do adolescente, e é dever da família e da sociedade dar-lhe continência.

Muito do processo de maturação se perde se é colocado sobre o adolescente o peso de responsabilidades maiores do que as que lhe são cabidas; é necessário que a família esteja à disposição como o lugar onde a agressividade e a rebeldia podem ser experimentadas, e que os pais não abdicuem no momento em que seus filhos necessitarem deles, mesmo que seja para assassiná-los. Caso contrário, “... *toda atividade imaginativa, todo impulso de imaturidade se perdem. A rebelião não faz mais sentido, e o adolescente que ganha o jogo depressa demais é apanhado em sua própria armadilha*” (WINNICOTT, 1968, p. 156).

Neste difícil processo, o tempo é um aliado importante. Os pais devem ter em vista que, se não abdicarem de suas posições e souberem atender às necessidades de seus filhos – não permitindo que se tornem adultos prematuramente e sem delegar-lhes responsabilidades em demasia – é provável que, com o passar dos anos, acompanhem o surgimento de um adulto maduro e criativo. Enquanto isso, podem inclusive aprender com o idealismo de seus filhos, ao se permitirem ouvir seus gritos de protesto e suas idéias extravagantes como fruto de um pensamento essencialmente criativo, embora irresponsável. Muito disso se deve ao ambiente satisfatório que eles próprios foram capazes de prover ao longo do desenvolvimento emocional de seus filhos.

Vemos que a qualidade do ambiente durante a adolescência é de importância central para o desenvolvimento do indivíduo, e a continuidade do interesse dos pais e da família pelo adolescente constitui um catalisador vital para sua saúde e para sua trajetória rumo à maturidade adulta.

5. ZONA DAS CALMARIAS: A LUTA SOLITÁRIA PELO SENTIDO DE REALIDADE

Embora o passar do tempo seja um fator preponderante na cura da adolescência, isso pouco interessa para o próprio adolescente, uma vez que ele procura uma solução imediata. A angústia relativa ao período no qual ele se questiona e se debate em torno do que se trata estar aqui neste mundo, nesta família, nesta sociedade, de como deve se posicionar frente à demanda dos pais e das expectativas sociais, de como lidar com seus impulsos instintivos e com suas fantasias inconscientes relativas à escolha objetal e à agressividade inerente ao crescer, colocam-no numa espécie de limbo, numa inconsistência da experiência, a que Winnicott (1961) chama de “zona das calmarias”.

Trata-se de um período no qual o sentido da experiência psíquica do sujeito e o sentimento de realidade *versus* sentimento de futilidade são enfrentados como uma questão de vida ou morte. Não existe a possibilidade de um meio-termo; qualquer negociação com as demandas do mundo externo é percebida como uma ameaça inexorável à identidade própria do indivíduo e ao seu *self* central. O adolescente fica assim numa posição muito difícil, na qual qualquer identificação com elementos da cultura ou qualquer aprendizagem com as experiências alheias torna-se insustentável e ameaçadora; não há alternativa a não ser partir do zero, ignorando todos os conhecimentos acumulados pela humanidade e todos os modelos de identificação com figuras mais velhas e experientes, uma vez que são percebidos como soluções falsas para seu dilema, como uma saída infame para seu problema do existir.

Ainda assim, há o risco do adolescente encontrar soluções intermediárias como uma forma de evitar o sentimento de futilidade que acompanha o jovem por essa zona das calmarias, fugindo assim talvez de um colapso mental:

Há, por exemplo, uma solução que consiste na identificação com a figura dos pais; pode haver uma maturidade sexual prematura; pode ocorrer um redirecionamento do sexo para proezas físicas no atletismo, ou das funções corporais para as intelectuais. Mas os adolescentes, em geral, descartam esses meio auxiliares. (WINNICOTT, 1961, p. 122)

Descartam-nos como uma forma de resistência à aceitação de um papel preestabelecido, de uma fórmula pronta de como se adaptar a um mundo repleto de idéias e modelos nos quais não se vêem reconhecidos e que não dizem respeito (e nem podem dizer) à sua realidade psíquica neste momento. Qualquer solução, por conter inevitavelmente um elemento falso, indica uma desistência da luta para se sentir real e para estabelecer uma identidade própria, e qualquer identificação com modelos instituídos socialmente será uma identificação de tipo falso *self*.

Isso nos leva a noção de que, ao analisarmos a saúde na adolescência no que esta se refere à relação que o indivíduo estabelece com a sociedade, devemos nos pautar no fato de que o adolescente ainda não pode se identificar com instituições sociais sem que sua personalidade se desarticule devido à perda de seu impulso individual e de sua criatividade. Não são possíveis negociações neste momento, uma vez que ele não pode aceitar o meio-termo.

Essa zona de calmarias que o adolescente deve transpor e a rebeldia que a acompanha podem trazer um nível de angústia bastante grande, afligindo os pais e a família do adolescente. Este pode tomar atitudes oposicionistas de uma forma radical, ou se envolver em atividades perigosas ou marginais, ou ainda manifestar comportamentos de risco e até mesmo tendências suicidas. São tentativas de recusa de um sentimento de futilidade, que pode se tornar quase insuportável para o ego, por meio de atitudes que de alguma forma lhes pareçam reais, e que de fato são, na medida em que afetam a família e a sociedade.

Os pais têm pouco a fazer, e lhes resta ocupar o difícil papel de espectadores das dificuldades e angústias de seus filhos. Devem, contudo, estar disponíveis quando o adolescente alternar um momento de rebeldia agressiva (seja ela manifesta ou encoberta por um comportamento depressivo) para uma necessidade de acolhimento e uma dependência regressiva, assim como para receber as contribuições de seus filhos fruto de um gesto de generosidade, reparador. Não devem esperar reconhecimento ou agradecimentos por isso; o caminho será inevitavelmente árduo, embora possa ser silenciado e destruído por um processo de falsa maturação, causado por identificações precoces e cobranças inadequadas e destrutivas.

O caminho percorrido pelos adolescentes na luta para se sentir real – a transposição da zona das calmarias – é um caminho essencialmente solitário.

... É deles a tarefa de tolerar a interação de muitos fenômenos disparatados – sua própria imaturidade, suas próprias mudanças relativas à puberdade, suas próprias idéias do que é a vida e seus próprios ideais e aspirações; acrescente-se a isso sua desilusão pessoal a respeito do mundo dos adultos, que lhes parece essencialmente um mundo de compromissos, de falsos valores e de infinitas digressões em relação ao tema central. (WINNICOTT, 1967, p. 7)

Essa difícil tarefa e os processos psicodinâmicos que ela envolve colocam o adolescente numa condição de isolamento, neste sentido aproximando-o de uma característica marcante do início da vida do indivíduo, quando o bebê ainda está imerso no princípio de prazer e se relaciona com objetos externos apenas na medida em que os inclui nos domínios de seu controle onipotente. O ambiente do adolescente é fortemente colorido por sua subjetividade e pelo seu mundo interno, tendo que passar por um novo processo de constituição do *self* enquanto uma unidade, capaz de se relacionar com objetos não-eu.

6. AGRESSIVIDADE, MORALIDADE E ADOLESCÊNCIA:

A capacidade do indivíduo para adquirir um senso de moralidade e de valores constitui uma tendência inata e faz parte do processo de maturação saudável. Existe, portanto uma moralidade inata já presente no bebê num estágio bastante primitivo do desenvolvimento emocional (WINNICOTT, 1957), sendo que a descoberta de uma moralidade que faça parte de um padrão pessoal é uma de suas conquistas. Aqui o ambiente é de vital importância para catalisar este processo em sintonia com as necessidades da criança, podendo degenerá-lo se tentar infligir um código moral que não possa fazer sentido para ela.

“Desenvolvem-se no lactente certos sentimentos opostos, à parte da aprovação e desaprovação que são comunicadas à criança pela mãe, e são estes que precisam ser levados em conta e talvez investigados até sua origem” (WINNICOTT, 1963d, p. 92).

Um esboço daquilo que é bom ou mau, certo ou errado, começa a ser traçado a partir das experiências de amor excitado do bebê, o que inclui as fantasias de agressividade e destrutividade que as acompanham e o conseqüente temor de retaliação. A partir de experiências de satisfação e frustração o mundo interno da criança vai sendo povoado por objetos bons – propiciadores de experiências agradáveis – e maus – frustradores e persecutórios. Na medida em que existe um ambiente confiável que sobreviva aos ataques do bebê, pronto para receber suas atividades reparatórias e atribuir valor às suas contribuições, a tolerância à ambivalência passa a ser possível e a aceitação da responsabilidade passa a fazer parte da experiência psíquica.

Vemos que o desenvolvimento da moralidade encontra respaldo não na aprovação ou desaprovação do comportamento da criança, e sim no amor da mãe, dos pais e da família. É ele que constitui um terreno seguro para a criança experimentar seus impulsos e mais tarde descobrir no código moral disponível no ambiente familiar e na sociedade um senso de valores que lhe diga respeito. *“A educação moral se segue naturalmente à chegada da moralidade na criança pelos processos de desenvolvimento natural que é favorecido pelo cuidado adequado”* (WINNICOTT, 1963d, p. 94). Contudo, as normas com as quais a criança entrará em contato pela educação devem ter como base a moralidade advinda da integração dentro do *self* de seus impulsos destrutivos e amorosos e da capacidade para se preocupar (bem como do senso de responsabilidade que daí emerge). Sendo assim,

... Os pais deveriam ter um código moral à espera do filho quando ele, mais tarde, começar a procurar algum. Uma função pertinente a essa atitude será humanizar a própria moralidade exaltada, mas imperfeita, da criança, sua aversão à obediência, às humanizada, mas não deve ser eliminada [...]. (WINNICOTT, 1957, p. 109)

Quando afirmamos que a moralidade do lactente precisa ser humanizada, o fazemos em referência ao seu caráter implacável, extremista, cujo sentido se relaciona à própria implacabilidade do amor primitivo e ao superego aterrador que a ameaça de retaliação severa acarreta.

Aqui vemos uma notável semelhança ao adolescente. A questão trazida pela agressividade tal como se manifesta na adolescência coloca ao jovem a tarefa de

reintegrar seus impulsos amorosos e agressivos, dado que seu novo potencial instintivo e sua nova capacidade de destruição real que seu corpo lhe confere demandam uma rearticulação da agressividade dentro do *self*, bem como uma reelaboração da fantasia inconsciente relacionada à escolha objetal.

Assim como para a criança, é a sobrevivência do ambiente que desempenha papel crucial para a maturação do adolescente, que poderá assim reconciliar sua necessidade de deposição violenta (fantasia de assassinato) com o amor e a gratidão que sente por seus pais e assumir sua responsabilidade por vínculos e círculos afetivos cada vez mais amplos. Suas possibilidades de contribuição podem agora abranger um ambiente cada vez mais amplo na medida em que suas identificações vão se expandindo em direção à cultura e à sociedade. É importante, portanto, que se ofereçam oportunidades de contribuição para o adolescente, já que “... a provisão de oportunidades para servir aos jovens é mais válida do que a educação moral no sentido de ensino moral” (WINNICOTT, 1963d, p. 97). Não nos ressentamos se o adolescente encontrar serventia nelas jogando-as fora deliberadamente; este pode ser um uso de bastante valor.

Não se pode esperar que o adolescente se identifique com os códigos morais vigentes na família ou na sociedade – o que aconteceria às custas de seu sentido de *self* – contudo seria igualmente desaconselhável que os pais desistissem de sua própria moralidade neste momento, abrindo mão do confronto que seus filhos esperam e precisam para que alcancem uma identidade madura. Não se trata aqui de educação moral, mas sim de uma contenção amorosa, desprovida de retaliação, o que “... implica se dar exemplo à criança, não um melhor do que você realmente é, insincero, mas um exemplo aceitável e decente” (WINNICOTT, 1963d, p. 95).

O que se mostra central nesta questão é que um sentido pessoal de moralidade não pode ser adquirido sem que a agressividade seja de fato vivida e experimentada, devendo ser confrontada, mas não inibida, e a conquista da responsabilidade e da capacidade de se preocupar deve vir como uma consequência deste processo. Os membros adultos da família devem estar atentos ao fato de que obediência não implica crescimento, uma vez que a obediência desprovida de confronto pessoal não

tem valor para o adolescente, que dessa forma fica privado da experiência de possuir uma moralidade sintônica ao seu padrão pessoal.

Vemos que os atalhos das falsas soluções para a luta dos adolescentes em se sentirem reais são perigosos e trazem em si a marca da imoralidade. Identificações precoces com modelos adultos e a imposição de responsabilidades prematuras podem sugerir um caminho mais fácil para os pais, porém não para o jovem; falsas soluções acarretam em falsas maturações, e levam à emergência de uma personalidade de fachada que lida com as demandas do mundo externo de maneira submissa, sufocando o verdadeiro *self* que, dessa forma, “... *permanece oculto e privado da experiência de viver. Isto leva muitas pessoas que parecem estar bem eventualmente a acabar com suas vidas, que se tornaram falsas e irrealis; êxito irreal é moralidade do mais baixo calão*” (WINNICOTT, 1963d, p. 96).

Percebemos, assim, como a impossibilidade de se aceitar falsas soluções ou de se tolerar o meio-termo coloca a moralidade do adolescente próxima àquela experimentada pelo bebê:

A moralidade mais ferrenha é a da mais tenra infância, que persiste como um traço da natureza humana que se pode verificar por toda a vida do indivíduo. Imoralidade para o lactente é se submeter, às custas de seu modo pessoal de viver” (WINNICOTT, 1971, p. 95).

Não é uma característica primordial dos adolescentes não aceitarem soluções falsas? Eles tem uma moralidade feroz que só aceita aquilo que é reconhecido como verdadeiro, e essa é uma moralidade que também caracteriza a infância. [...] O adolescente está empenhado em descobrir o próprio eu para que lhe possa ser fiel. (WINNICOTT, 1963b, p. 170)

Se o ambiente facilitador estiver presente na trajetória do indivíduo, acompanhando seu desenvolvimento emocional desde a infância até a adolescência, podemos então ver emergir adultos que terão desenvolvido um código moral próprio e pessoal – cujo princípio se encontra na moralidade implacável da primeira infância – e que será passado adiante e renovado pelas seguintes gerações.

7. ISOLAMENTO, COMUNICAÇÃO E ADOLESCÊNCIA

Vimos no primeiro capítulo como alguns dos elementos envolvidos no processo pelo qual o indivíduo conquista a capacidade de se relacionar com objetos externos e a tolerar o princípio de realidade a partir de seu isolamento subjetivo inicial, do qual fazem parte o narcisismo primário e a experiência de onipotência. Apontamos como o uso da ilusão, a transicionalidade, bem como a agressividade/motilidade e as experiências de frustração colaboram para que o objeto seja colocado para fora do controle mágico e admitido em sua objetividade. Na saúde, isso é feito de maneira que o princípio de realidade não chegue a ser de fato uma ameaça para o *self*, que passa a se enriquecer com as experiências de relação com objetos objetivamente percebidos, com suas próprias características. Estabelecendo uma relação entre as relações objetais e a comunicação, Winnicott (1963e) afirma:

Na medida em que o objeto é subjetivo, é desnecessário que a comunicação com ele seja explícita. Quando o objeto é objetivamente percebido, ou a comunicação é explícita ou é confusa. Aqui acontecem duas coisas novas, a utilização e a apreciação pelo indivíduo dos modos de comunicação, e o eu do indivíduo que não se comunica, ou o núcleo pessoal do eu que é um isolado autêntico. (p. 167)

Existe, portanto, uma parte do *self* que deve necessariamente permanecer para sempre oculta, incomunicável. É o núcleo da personalidade que mantém uma continuidade com o mundo subjetivo do bebê e com o isolamento de seus estados tranqüilos e repousantes, livre de intrusões graças ao *holding* da mãe suficientemente boa que permite que seu filho comece a existir a partir da experiência de continuar a ser. A não-comunicação, dessa forma, é simples e decorre do isolamento subjetivo do próprio bebê e de seu sentimento de realidade. É desse estado de não-excitação e de isolamento subjetivo que surge a necessidade de comunicação de maneira natural, à medida que os objetos passam a ser colocados para fora do *self*.

Contudo, falhas ambientais podem levar o lactente a desenvolver um *split* em suas relações objetais. Se a apresentação do objeto não ocorre de maneira satisfatória (ou seja, de acordo com a tendência inata do bebê em se relacionar com objetos externos), e o ambiente é percebido como intrusivo ao longo de inúmeras

experiências, o indivíduo não pode encontrar alternativa a não ser reagir às intrusões, com evidente prejuízo de seu senso de *self*. As relações com objetos externos passam a ser pautadas pela submissão patológica de uma parte da personalidade (falso *self*), enquanto o verdadeiro *self* permanece isolado em meio a relações com objetos subjetivos, privado da influência do mundo percebido objetivamente e de seu conseqüente enriquecimento.

Na saúde, entretanto, deve haver algum tipo de equilíbrio entre a comunicação e a não-comunicação. *“Em termos de aceitação emocional o self, em seu núcleo, é sempre pessoal, isolado e não afetado pela experiência”* (WINNICOTT, 1963d, p. 93), e um uso saudável da não-comunicação ativa tem a função de restabelecer o sentido de *self* ameaçado em alguma medida pelo princípio de realidade.

É necessário frisar a importância deste núcleo da personalidade que permanece ligado a uma experiência secreta, essencialmente incomunicável:

Sugiro que normalmente há um núcleo da personalidade que corresponde ao eu verdadeiro da personalidade *split*; sugiro que este núcleo nunca se comunica com o mundo dos objetos percebidos, e que a pessoa percebe que não deve nunca se comunicar com, ou ser influenciado pela realidade externa. [...] Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, *que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado.* (WINNICOTT, 1971e, p. 170)

No centro de cada pessoa há um elemento não-comunicável, e isto é sagrado e merece muito ser preservado. (*Id.*)

Mais uma vez vemos como os processos de maturação do primeiro ano de vida voltam à cena adolescente, exigindo novas conquistas relativas a fases precoces do desenvolvimento emocional que agora se apresentam sob nova roupagem e possibilitam a emancipação do indivíduo a uma condição adulta.

A experiência psíquica do adolescente se aproxima a do bebê no que esta tange ao isolamento do indivíduo em um estado de narcisismo que inunda o mundo com sua subjetividade pessoal. *“O adolescente é essencialmente um isolado. [...] Nesse aspecto,*

o adolescente revive uma fase essencial da infância” (WINNICOT, 1961, p. 118). Na adolescência, o relacionamento com objetos objetivamente percebidos é recusado como uma barganha do *self* com o mundo externo que tem como único resultado possível a submissão e a perda do sentido de identidade. Desta forma, o controle onipotente e a mágica voltam a operar até que seja possível uma nova conciliação entre a onipotência primária e mundo externo; até que a zona das calmarias (WINNICOTT, 1961) seja finalmente transposta.

Tal isolamento tem o sentido de preservar o núcleo do *self* verdadeiro e incomunicável, ao mesmo tempo em que coloca ao adolescente a questão de como encontrar uma forma de comunicação possível que não constitua uma ameaça àquilo que ele possui de mais essencial, nem uma violação de sua personalidade. Os adolescentes, contudo, não toleram conciliações ou meio-termos, e até que haja a segurança em um padrão pessoal que garanta em alguma medida a continuidade da experiência, qualquer forma de comunicação que envolva o *self* central deve ser evitada a qualquer custo.

Na adolescência, quando o indivíduo está sofrendo as mudanças puberais e não está ainda pronto para se tornar um membro da comunidade de adultos, há um fortalecimento das defesas contra o fato de ser descoberto, isto é, ser encontrado antes de estar lá para ser encontrado. (WINNICOTT, 1963e, p. 172)

Existe então um desafio que se coloca ao adolescente: “como comunicar algo acerca do meu espaço psíquico mais íntimo e pessoal se minha luta é justamente encontrar este espaço e me sentir real?”. Talvez possamos dizer que a impossibilidade de se comunicar característica desta fase decorre do fato de não haver ali algo estável o suficiente para que possa ser comunicado com segurança. Comunicar significa conciliar em alguma medida o narcisismo primário e mundo externo, e não há maneira para o adolescente de comunicar algo verdadeiramente pessoal sem que esta comunicação envolva a fantasia de ser ameaçadoramente descoberto, violentado.

Os pais ficam aflitos diante desta situação, sentindo-se impotentes frente à inacessibilidade à vida psíquica de seus filhos. Estão, entretanto, a observar algo essencialmente saudável, e uma insistência desmedida em se comunicar com os

adolescentes pode obstruir seu uso da não-comunicação a favor da busca pelo sentimento de realidade. Com certeza não serão os adultos os mais livres das suspeitas adolescentes da ameaça da comunicação, uma vez que representam justamente o *establishment*, a barganha do verdadeiro *self* e a submissão a um mundo de objetos externos que nada dizem respeito à criatividade primária do indivíduo.

Devem, contudo, permanecer disponíveis para os sucessivos retornos de seus filhos a estados de dependência regressiva, e mantendo para eles um ponto de ancoragem na realidade compartilhada – o que, muitas vezes, tem de ser oferecido em termos de um confronto não retaliador. Quando for possível para o adolescente um reencontro com a realidade externa e objetiva – realidade que agora se apresenta com maior complexidade, incluindo a tradição cultural humana e círculos sociais cada vez mais amplos – sem perda demasiada do impulso criativo, surge novamente a necessidade de comunicação sintônica ao sentimento de realidade.

8. EXPERIÊNCIA CULTURAL E ADOLESCÊNICA

Afirmamos que o adolescente vive numa condição de isolamento subjetivo, na qual a percepção da realidade compartilhada é em certa medida recusada em nome da preservação do *self* central que não suporta qualquer tentativa de falsa solução. Vemos então a importância de considerarmos os desdobramentos deste estado de coisas na relação que o adolescente estabelece com a cultura.

A experiência cultural – que surge como conseqüência do desenvolvimento da transicionalidade e do brincar – pode ser apreciada na medida em que a externalidade inerente à sua tradição é investida por sentimentos oníricos e por conteúdos do mundo interno do indivíduo. A realidade objetiva é um dos pólos da experiência cultural, sendo que “... em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição” (WINNICOTT, 1971, 138). Deve haver uma conciliação entre a criatividade primária e a herança cultural, com seus conhecimentos acumulados e sua objetividade que independem do – e, de certa forma, negam – narcisismo e da onipotência adolescentes.

É esse caráter objetivo, portanto, que torna a cultura algo potencialmente ameaçador para eles. Ela já estava lá antes que eles viessem ao mundo e por isso constitui uma afronta ao *self*; identificar-se com os elementos da cultura representaria uma falsa solução, um abandono da luta por se sentir real, aproximando o perigo de uma experiência disruptiva.

Mas a ausência de meio-termos, especialmente no que toca ao uso de identificações e à absorção de experiências alheias, implica que cada indivíduo tenha que começar o seu caminho da estaca zero, ignorando tudo o que já foi trabalhado na história anterior de nossa cultura. Vemos nossos adolescentes começando tudo de novo, como se não houvesse nada que pudessem emprestar de outrem. (WINNICOTT, 1961, p. 123)

Poder se identificar com a herança cultural e usufruir dos acúmulos e riquezas da cultura humana significa, em alguma medida, aceitar o meio-termo, abrandar a inexorabilidade do núcleo do *self* e permitir sua comunicação com a realidade externa. Para o adolescente, tal tarefa parece simplesmente intolerável; *“... não se pode esperar que, na adolescência, o menino ou a menina médios tenham mais do que uma vaga idéia da herança cultural do homem; as pessoas têm que trabalhar duro só para saber que ela existe”* (WINNICOTT, 1968, p. 162).

Além disso, a verdadeira contribuição cultural (assim como no trabalho) tem valor na medida em que se relaciona com a agressividade e a destruição que existem dentro do *self*. A participação no mundo da cultura traz ao indivíduo uma oportunidade de equilibrar as forças amorosas e destrutivas que coexistem no impulso de amor primitivo, uma vez que constituem uma forma de reparação e restituição ao objeto pelo qual o indivíduo passa a poder se sentir responsável. Tal possibilidade se apresenta de maneira problemática para o adolescente; seu crescimento físico confere-lhe uma nova capacidade para agressão real, e existe também uma nova potência instintiva e novas demandas do id que trazem problemas para seu potencial agressivo e as fantasias inconscientes e a culpa que o acompanham. O mundo adulto encontra-se repleto de armadilhas e a confiança nas possibilidades de reparação é restrita; *“o adolescente ainda não pode conhecer a satisfação proveniente na*

participação num projeto que precisa incluir a característica da confiança” (WINNICOTT, 1968, p. 161).

Tudo isso coloca o adolescente numa posição difícil em relação à experiência cultural e o distancia de seus benefícios e enriquecimentos. Com o passar do tempo, o meio-termo poderá ser tolerado ao mesmo tempo em que o impulso criativo é preservado em um grau satisfatório. A confiança passa gradativamente a ter algum significado para o adolescente, e oportunidades de reparação podem ser aproveitadas. É possível, por exemplo, que o jovem veja sentido em apresentar em um *blog* suas considerações acerca das novas bandas de rock *Indy* da cena alternativa, ou queira se iniciar na vida política associando-se ao grêmio escolar e organizando um boicote à cantina a fim de coibir a cobrança de preços abusivos. Ao caminhar em direção à conquista de uma identidade adulta, dá-se um alargamento da área transicional, fazendo com que o adolescente se torne cada vez mais independente, um membro legítimo da sociedade e da cultura.

9. SEXUALIDADE, AGRESSIVIDADE E FANTASIA INCONSCIENTE

As mudanças da puberdade conferem ao adolescente uma nova configuração de sua vida instintiva, fazendo com que o ego tenha de lidar com novos impulsos do id dos quais fazem parte os elementos agressivos. Tais impulsos têm agora uma nova significação, já que as experiências instintivas atuam sobre um corpo estranho ao próprio adolescente, dotado de novas – e possivelmente assustadoras – capacidades, como, por exemplo, a concepção. A aquisição da maturidade sexual, dessa forma, passa pela difícil aceitação da fantasia sexual inconsciente:

... O indivíduo, em última análise, precisa aceitar tudo o que apareceu na mente junto com a escolha objetal, a consciência objetal, a satisfação sexual e o entrelaçamento sexual. E há também o sentimento de culpa, que é apropriado em termos de fantasia inconsciente como um todo. (WINNICOTT, 1968, p. 161)

A expressão física do impulso amoroso vem acompanhada por fantasias destrutivas desencadeadoras de culpa, “... *idéias assustadoras de danos causados, de*

corpos destruídos, de monstros gerados” (WINNICOTT, 1957b, p. 62). Inicia-se um processo através do qual o adolescente tenta encontrar uma maneira de tolerar estas fantasias e assumir a responsabilidade por elas. Tarefa bastante complexa se levarmos em conta que, nesta fase, a capacidade de se confiar em qualquer possibilidade de reparação é limitada, dificultando que os elementos amorosos do impulso instintivo amenizem a destrutividade e a culpa daí decorrente. Além disso, os adultos muitas vezes inibem a experimentação sexual de seus filhos adolescentes – talvez por causa de um ressentimento por não terem podido viver de maneira plena sua própria adolescência – o que pode aumentar o risco de uma atuação como forma de se lidar com a fantasia sexual. É possível que uma parte do número de gestações indesejadas (a despeito do fácil acesso dos jovens à informação e a métodos contraceptivos) tenha como motivação inconsciente uma tentativa de se lidar com a culpa que envolve o ato sexual.

Mais uma vez, aqui a atitude da família sob a forma de um confronto não retaliador é necessário, na medida em que *“... restringe as impetuosas atuações e conduz o rapaz ou a moça a superarem episódios embaraçosos ou constrangedores”* (WINNICOTT, 1963b, p. 169). É normal que os pais sejam preteridos no momento em que os adolescentes procuram com quem conversar a respeito dessas difíceis questões. Embora devam permanecer disponíveis e oferecer o confronto quando este se fizer necessário, devem também suportar o fato de serem dispensáveis no momento em que seus filhos procuram alguém mais distante para dividir suas aflições, talvez um tio, um irmão mais velho ou alguém de fora da família.

Dessa forma, a atividade sexual durante a adolescência pode – antes de ser um relacionamento entre duas pessoas integrais no qual existe a preocupação pela realidade psíquica interna do outro – funcionar como uma simples forma de descarregar uma tensão instintiva. De fato, o problema da bissexualidade e da definição sexual ainda não foi resolvido pelo adolescente e, *“para muitos, há um longo período de incerteza quanto à própria existência de um impulso sexual de fato”* (WINNICOTT, 1961, pg. 118).

Neste ponto, é importante que não nos deixemos enganar por uma equação simplista, igualando a existência de uma capacidade genital plena à conquista de uma maturidade emocional de fato. É necessário que contemplemos como o ego reage às mudanças que ocorrem no id. A nova investida libidinal que recebe o adolescente consistirá num verdadeiro processo de maturação apenas na medida em que for integrada a um ego forte o suficiente para inseri-la dentro de um padrão pessoal e de um *self* integrado capaz de se manter contínuo ao longo do tempo e das pressões dos impulsos instintivos.

Sem dúvida não se pode negar a importância das posições do id e da progressão das zonas erógenas em termos de saúde. Neste sentido, a doença pode trazer efeitos bastante cruéis, comprometendo a personalidade do indivíduo de maneira destrutiva. A conquista da potência e de seu equivalente feminino – características de uma genitalidade plena – é condição para que o adolescente possa tornar-se um adulto, capaz de sonhar heterossexualmente, identificando-se com a paternidade e a maternidade e assumindo responsabilidades cada vez mais amplas. Contudo, quando tentamos compreender a sexualidade adolescente tendo como referência critérios mais sutis para analisá-la em termos de saúde e doença, devemos nos perguntar: “... *será que a experiência sexual pode ser acompanhada de um vínculo e dos significados mais amplos da palavra ‘amor’?*” (WINNICOTT, 1967, p. 8)

É mais provável que a maturidade sexual venha ao longo de um processo que inclua jogos sexuais incompletos que envolvam afeto e sentimento. Ao lado da experimentação da nova capacidade instintiva, ocorre uma redescoberta do relacionamento objetal amoroso capaz de incluir a preocupação e a responsabilidade pelo outro; “*no adolescente nós observamos a avaliação do toque que o bebê realiza, por exemplo, lado a lado com jogos sexuais que parecem adultos*” (WINNICOTT, 1955, p. 133). Enquanto a maturidade sexual ainda não pôde ser atingida, vemos os adolescentes muitas vezes envolvidos numa atividade masturbatória compulsiva, ou trocando rapidamente de parceiros, encontrando assim uma maneira de se verem livres do sexo e da tensão sexual que ainda não pode ser assimilada pelo ego sem que constitua uma ameaça à realidade psíquica do indivíduo.

10. GRUPO, ISOLAMENTO E A ADOLESCÊNCIA

O grupo ao qual o adolescente se vincula, e que não raro os vemos constituídos por um grande número de jovens inseparáveis que parecem ter grande intimidade entre si, são na verdade um agregado de indivíduos isolados que se juntam com base em identificações menores baseadas nos lugares que freqüentam, na proximidade de idades, em gostos e predileções efêmeras (WINNICOTT, 1961; 1963b).

Tais identificações tem o sentido de não deixá-los sozinhos em sua luta para se sentirem reais, de amenizar a solidão inerente à condição subjetiva em que o adolescente se encontra. Porém, nos grupos sustentados por elas, não há necessariamente relações objetivas estáveis ou compartilhamento de experiências; a própria instabilidade identitária do jovem não permite que isso seja possível.

Frente a uma expectativa delirante de ataque que justifique a paranóia persecutória, ou no intuito de fazer uma provocação que por sua vez produza uma perseguição que legitime a necessidade de contra-antagonismo do adolescente frente à família e à sociedade, aí então o grupo é capaz de se unir. *“Cessada a perseguição, o grupo constitui-se novamente num agregado de indivíduos isolados”* (WINNICOTT, 1961, pg. 118).

Dentro do grupo ao qual o adolescente se filia, podem haver um ou dois indivíduos realmente perturbados o suficiente para manifestarem sintomas e comportamentos extremos que afetam a sociedade e obrigam o ambiente a voltar as suas atenções de maneira mais aguda ou cuidadosa. Em diversos aspectos, vemos a adolescência normal se aproximando de padrões patológicos devido a características difíceis, contudo inerentes ao processo de maturação do indivíduo.

A impossibilidade de se tolerar o meio-termo e a necessidade de evitar a falsa solução como uma ameaça extremamente perigosa se aproxima de patologias de tipo psicótico. A necessidade de se sentir real, mesmo que seja por meio de uma atitude drástica e desesperada, aproxima-se da depressão psicótica e da despersonalização. A

postura desafiante e a necessidade de provocar o ambiente a fim de chamar-lhe a atenção para que reconheça a sua causa relaciona-se à tendência anti-social.

Contudo, poucos são aqueles adolescentes que de fato têm o impulso suficiente para transformarem suas tendências patológicas em sintomas manifestos. Quando algum membro do grupo chega a tal ponto, os púberes reúnem-se em torno dele, mostrando toda a sua lealdade, uma vez que este indivíduo é porta-voz de uma tendência que diz respeito a todos.

O grupo tem, portanto, a função amenizar a solidão da trajetória dos adolescentes na busca por um sentimento de realidade estável, e de conter os impulsos agressivos e as tendências patológicas dos adolescentes, pois essas configuram uma tentativa deles de se sentirem reais e de fugirem de um sentimento de futilidade que ameaça constantemente abalar a continuidade de suas experiências.

Se o grupo se mantém muito estável e nenhuma atitude intempestiva ou rebelde é tomada por muito tempo, o próprio grupo começa a duvidar da realidade de sua rebeldia e da legitimidade de sua persecutoriedade. Os próprios indivíduos passam a se sentir ameaçados pelo sentimento de futilidade, e cabe a um membro mais doente do agregado colocar as coisas em seus devidos lugares por meio de alguma atitude que, na verdade, pertence ao grupo como um todo (WINNICOTT, 1961)

11. SAINDO DA ADOLESCÊNCIA

Como maior aliado do adolescente em sua luta para se sentir real, transpor a zona das calmarias e alcançar um sentido *se self* estável de uma identidade adulta madura, temos a passagem do tempo. Para o sentimento de futilidade característico da adolescência não há solução, “... *exceto que cada adolescente, rapaz ou moça, com o passar do tempo (a menos que esteja doente), crescerá e se tornará um adulto*” (WINNICOTT, 1964b, p. 177). É evidente que isto não tem o menor sentido para o indivíduo que atravessa esta fase; se tudo está em suspenso, se no mundo parece não haver possibilidades de vínculos enriquecedores nem de relações objetais que alimentem o núcleo da personalidade, e o sentimento de futilidade predomina dentro

do *self*, então qualquer solução a longo prazo deixa de fazer sentido. O adolescente procura uma cura imediata que não pode ser encontrada.

Não pode e nem deve. Saúde é sinônimo de maturidade emocional, e a maturidade relativa à adolescência inclui a imaturidade criativa, a irresponsabilidade, o idealismo, a incapacidade de aceitar falsas soluções. Somente através deste processo que o indivíduo pode chegar a realizar a passagem para o nível de maturidade adulta,

... Uma idade de aquisições excitantes, em termos de aventura, de tal modo que a emergência de um rapaz ou uma moça da adolescência para os primórdios de uma identificação com a paternidade ou a maternidade e com a sociedade responsável é algo bom de se ver. (WINNICOTT, 1967, p. 7)

Trata-se de um período de experimentações que tem de ser efetivamente vivido para que o adulto que resultar dele tenha uma identidade pessoal própria, capaz de se sentir responsável pela fantasia inconsciente, de manter escolhas objetivas estáveis, de tolerar os impulsos agressivos e equilibrá-los junto ao amor e à preocupação. A nova vida instintiva pode agora ser experimentada com segurança e liberdade.

As rupturas violentas e os impulsos agressivos contra a família – bem como a necessidade de retorno repentino à dependência – vão desaparecendo na medida em que o indivíduo encontra “... *uma nova maneira de se reconciliar com seus pais, sem perder a própria identidade*” (WINNICOTT, 1968, p. 157), podendo agora se identificar com a paternidade ou maternidade e confiando em sua própria moralidade para criar seus filhos. Neste processo, a independência torna-se cada vez mais um fato, já que o trabalho e a experiência cultural permitem que ele alcance identificações com círculos sociais amplos que remetem ao *holding* e à segurança do núcleo familiar. O meio-termo passa a ser tolerável, e o adulto maduro vê-se capaz de se relacionar com instituições e grupos sociais sem que tenha que sacrificar em demasia seus impulsos espontâneos e sua criatividade (WINNICOTT, 1961).

Existe, assim, confiança na continuidade da experiência e na preservação do sentimento de ser, o que permite uma conciliação entre o impulso de se comunicar e

se enriquecer com as relações com objetos externos e a necessidade de preservar e não comunicar o núcleo da personalidade. Uma vez que os indivíduos:

... tenham encontrado um lugar na sociedade através do trabalho, e tenham talvez se casado ou se estabelecido em algum padrão que seja uma conciliação entre imitar os pais e desafiadoramente estabelecer uma identidade pessoal, uma vez que esses desenvolvimentos tenham lugar pode-se dizer que se iniciou a vida adulta. (WINNICOTT, 1963c, p. 87)

III. MANO E O LAR DESFEITO: APONTAMENTOS SOBRE A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA E O ADOLESCENTE A PARTIR DO FILME “AS MELHORES COISAS DO MUNDO”

Sabemos que a família constitui a unidade social mais indicada para promover o crescimento e desenvolvimento emocional dos indivíduos que, mesmo após terem conquistado relativa autonomia e terem se tornado independentes, podem retornar ao núcleo familiar de origem em momentos de desamparo, ou se uma ansiedade depressiva ameaça emergir. É no interior da família que a criança ou o adolescente encontra suporte para seu amadurecimento, podendo fazer uso dela na medida de suas necessidades, muitas vezes tão caras à tranquilidade e quietude dos pais.

Cabe também à família cuidar para que o princípio de realidade seja introduzido na experiência do indivíduo levando em conta as necessidades deste. Cumpre assim seu duplo papel de adaptação e desadaptação, ao mesmo tempo em que fornece ao sujeito uma proteção quanto ao trauma, poupando-lhe do contato demasiado brusco com a realidade externa sem que possa incluí-la num padrão pessoal (WINNICOTT, 1965b). Dessa forma, torna-se possível a conquista da independência, bem como a passagem do indivíduo do ambiente familiar para o ambiente social e cultural mais amplos.

Na base da construção de uma família, subjaz um jogo de forças conscientes e inconscientes que levam um homem e uma mulher a sentirem a necessidade de constituírem uma união estável da qual um filho possa surgir como uma consequência natural. *“Há forças muito poderosas de criação e conservação da família que resultam da própria relação entre os pais [...]. Essas forças estão ligadas à complexa fantasia sexual”* (WINNICOTT, 1957b, p. 61)⁸. A união matrimonial de um casal cumpre o papel de neutralizar a culpa relativa à fantasia que acompanha o ato sexual, que necessariamente envolve elementos de amor primitivo e idéias inconscientes de agressão e destruição. O casamento viria como expressão máxima da capacidade de se

⁸ Contudo, sabemos que a elaboração da fantasia sexual não constitui motivo exclusivo para a constituição de uma família: *“... há outras questões na relação entre os pais que tendem naturalmente ao estabelecimento da unidade familiar: por exemplo, o desejo profundo dos pais de serem iguais aos próprios pais, no sentido de serem adultos. Pode-se evocar também a vida de imaginação, e coisas tais como uma sobreposição de interesses e objetivos culturais.”* (WINNICOTT, 1957b, p. 62)

preocupar e de se responsabilizar pelo outro, e um filho pode vir como forma de dar aos pais *“... uma sensação de alívio, livrando-os de idéias que procedem de seu sentimento de culpa ou inutilidade”* (WINNICOTT, 1957b, p. 63).

Apesar disso, a satisfação sexual plena não constitui um dos objetivos da vida familiar. É provável que pais que tenham a capacidade de gozar de sua potência sexual, fruto de sua maturidade emocional, terão maior facilidade no manejo de suas relações intra-familiares, podendo desempenhar com maior segurança e naturalidade seus papéis dentro da cena familiar. Todos os membros se beneficiarão indiretamente disso. Contudo, a criação dos filhos coloca muitas vezes a prioridade dos pais em outra direção. A própria maternagem, bem como, de maneira geral, a necessidade de se prover um ambiente propício para o desenvolvimento dos filhos – no que esta se refere desde a fatores econômicos quanto a fatores emocionais – limita a relação marital, sendo que *“... os exemplos extremos de satisfação física pertençam tipicamente ao amor romântico, que nem sempre é a melhor base para a construção de um lar”* (WINNICOTT, 1957b, p. 62).

Vemos então que, via de regra, a manutenção e conservação da família dependem da capacidade dos pais de renunciarem a uma realização sexual plena e à satisfação pessoal característica do estado de apaixonamento. Inúmeros prazeres são colocados de lado em nome da satisfação advinda da manutenção do lar e da necessidade de prover um ambiente facilitador no qual os pais possam assistir seus filhos crescendo e se desenvolvendo de maneira saudável.

Sem dúvida, pais que tenham podido de fato viver sua adolescência – sem lançar mão de falsas manobras enquanto atravessavam a zona das calmarias, ingressando na cultura e na sociedade na medida de suas possibilidades reais, levando em conta toda sua agressividade e sua aversão às falsas soluções – terão maiores chances de encontrar prazer na criação de seus filhos e em encararem de maneira natural os sacrifícios que envolvem a constituição de uma família própria. A experimentação sexual nesta fase pode ter facilitado a conquista da identidade adulta madura, levando em conta a implacabilidade da fantasia sexual. Uma adolescência vivida em toda a sua riqueza e dificuldade pode acabar tornando desnecessária a

tentativa de viver uma adolescência temporã. Certamente os filhos não sairiam ilesos de um empreendimento como este por parte dos pais, já que, como afirma Outeiral, *“a falência das funções de adulto origina, é óbvio, severos problemas ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e profundas transformações nos papéis familiares”*.

De qualquer forma, devemos levar em conta o fato de que os pais:

Têm ainda um longo processo de crescimento a atravessar nas décadas que se seguem ao casamento. [...] É certo que, na maioria dos casos, homens e mulheres têm a necessidade de estabelecer uma plataforma (como o casamento e a família) a partir da qual possam lançar-se em direção a um ulterior crescimento. Muitas vezes, antes de se lançar para adiante, estão prontos a aguardar por vários anos, durante os quais dão às crianças o cuidado necessário. Há casos, porém, em que a fase de retomada do crescimento por parte dos pais, ou de um dos pais, é antecedida por um período de grande tensão. (WINNICOTT, 1957b, p. 65).

Podemos relacionar essa tensão relativa à retomada do crescimento emocional dos pais às questões que se apresentam para a família contemporânea. Sabemos que o divórcio não constitui mais tabu em nossa sociedade, e novos rearranjos e configurações familiares muito diversas das de algumas décadas atrás têm constituído a regra (e não mais a exceção) dos ambientes em que vivem as crianças e adolescentes de hoje. Existe uma maior liberdade para os pais se questionarem sobre a pertinência em manterem seus casamentos, bem como para avaliarem se a satisfação que obtém pela conservação do lar justifica o peso dos sacrifícios que esta lhes impõe. A continuidade do crescimento pessoal parece não mais ser compatível com a vida dentro do casamento, incrementando a “grande tensão” da qual nos fala Winnicott.

É neste cenário que se passa o filme “As Melhores Coisas do Mundo”, no qual Mano – um adolescente de 15 anos filho de professores universitários – assiste ao desmoronamento de seu lar quando seu pai, Horácio, frente a um casamento que não lhe proporcionava mais a paixão e o amor romântico de que julga necessitar, decide se divorciar de sua mãe, Camila, em nome de um relacionamento homossexual.

Antes mesmo de dar a difícil notícia para Mano e Pedro (irmão mais velho de Mano, de 17 anos) de que o objeto de seu novo empreendimento amoroso é um homem – Gustavo, seu orientando –, Horácio justifica sua decisão a seus filhos permitindo-se gozar da mesma liberdade que eles quanto às suas possibilidades de escolha e de adesão a novos projetos de vida: “Quando vocês querem alguma coisa, vocês não vão atrás? Isso é maravilhoso.” Reivindica os mesmos direitos de sua prole adolescente evocando a suposição de que, se ele aceitasse o convite para lecionar numa universidade do exterior, Pedro não deixaria sua namorada para ir com ele: “Então você abandonaria sua família por uma paixão? É a mesma coisa.”

A grande quantidade de famílias que passam por processos similares à de Mano – sem dúvida com uma roupagem bastante variada – leva-nos a questionar a natureza desse tipo de atitude parental tão freqüente nos dias de hoje: são desertores do papel de pais abrindo mão da unidade familiar em busca de uma adolescência perdida e de uma imaturidade descompassada, ou adultos corajosos dispostos a apostar em novos modelos de atuação enquanto pais e na criação de novos dispositivos familiares capazes de suprir plenamente as necessidades de seus filhos? Ao receber a notícia da separação de seus pais, Mano fica com a primeira opção: “Descobrir que a minha família não existe mais é a pior coisa do mundo. Que bosta”.

Eu diria que uma boa parte dos fatores de complicação da vida familiar advém das atitudes que os pais tomam ao esgotar-se sua capacidade de sacrificar tudo em favor dos filhos. (WINNICOTT, 1957b, p. 66)

Sei que, na larga maioria dos casos, os pais têm maturidade suficiente para serem capazes de se sacrificar, como seus pais antes deles, em favor do estabelecimento e da manutenção da unidade familiar, de modo que as crianças não apenas nasçam no seio de uma família, mas também nesse meio possam crescer e adolecer e, por fim, em relação à família, possam conquistar uma vida autônoma, vindo talvez a constituir outro núcleo do mesmo gênero. Mas isso nem sempre é possível. (*Id.*)

Fica evidente aqui o quão importante é para o desenvolvimento emocional do indivíduo – e especificamente para o adolescente – a manutenção da família que, enquanto estiver disponível, poderá ser usada tanto para manifestações de raiva e destrutividade quanto para reparações e acolhimento aos retornos à dependência.

Restam, entretanto, algumas questões atuais de difícil resposta: a separação dos pais é sinônimo de destruição da família e de suas possibilidades de atuação enquanto um ambiente facilitador? Podem os pais continuar a ocupar de maneira legítima sua posição de adultos e exercer sua tarefa de enfrentamento de que o adolescente necessita, mesmo após não dormirem mais sob o mesmo teto?

Sabemos que, a despeito das necessidades dos indivíduos imaturos que encontram dentro da unidade familiar o melhor lugar para se desenvolverem, algumas pessoas só conseguem continuar casadas às custas da sensação de estarem vivendo sua própria vida, de se sentirem reais e de viverem de modo criativo. Sabemos também que crianças e adolescentes que experienciaram o divórcio de seus pais conseguem muitas vezes chegar à maturidade adulta sem se fazerem notar perdas significativas, e sem abdicarem de sua própria necessidade de vir a constituir sua própria família no futuro.

Creio que não devemos desprezar aqueles que não eram suficientemente maduros à época do casamento e não têm a capacidade de esperar indefinidamente, e que, em dado momento, são obrigados a fazer a opção entre a tomada de novos rumos de crescimento ou a degeneração pessoal. O casamento é sujeito a distúrbios e, nesses casos, as crianças devem ser capazes de adaptar-se à desintegração da família. Às vezes os pais conseguem conduzir os filhos até um estágio satisfatório de independência adulta, apesar de terem tido a necessidade de desfazer a estrutura matrimonial ou de construir outra. (WINNIOTT, 1967b, p. 66)

Sob esta perspectiva, cabe então indagar se o término do relacionamento marital entre os pais significa necessariamente uma desintegração familiar e a impossibilidade da família seguir desempenhando sua função de fornecer ao indivíduo dependente uma proteção contra o trauma.

É pertinente pensarmos na desintegração familiar em termos de uma experiência traumática para os filhos, uma vez que coloca em cheque a segurança de se poder experimentar a agressividade inerente ao crescimento num ambiente estável e não retaliador. Na fantasia inconsciente, é possível que a própria desestruturação do lar seja percebida como uma retaliação, tornando mais difícil a aceitação do ódio dentro do *self* e a tolerância da ambivalência dos afetos. *“O trauma é um fracasso*

relativo à dependência. O trauma é aquilo que rompe a idealização de um objeto pelo ódio do indivíduo, reativo ao fracasso desse objeto em desempenhar sua função” (WINNICOTT, 1965b, p. 113). Contudo, se é possível que pais divorciados conduzam seus filhos à maturidade adulta de maneira saudável, então a correlação estabelecida no parágrafo anterior não é obrigatoriamente verdadeira, e devemos então pensar quais seriam as formas pelas quais os pais conseguem prover um ambiente facilitador mesmo quando não dormem mais na mesma cama, ou quando constituem novas famílias.

Quando Mano descobre que seu pai preteriu a conservação da unidade familiar em nome de um projeto existencial próprio, não consegue dar um sentido para essa situação, a não ser o de uma irrefutável prova de que sua família constituía uma farsa, uma mentira na qual acreditara até o momento desta súbita desilusão. O fato de Horácio estar agora num relacionamento homossexual parece apenas confirmar sua fantasia e aumentar seu desamparo e sua raiva. Passa a expressar seu ódio procurando afastar-se do pai, pedindo para que ele não o busque mais na escola e evitando jantares em seu novo apartamento, o que não poderia ser feito sem a submissão de seu *self* e a conseqüente perda de seu sentimento de realidade.

Tal cenário constitui um ambiente que parece não colaborar em nada com o seu desenvolvimento emocional. A imaturidade adolescente e a agressividade – relativa à fantasia de assassinato dos pais e à atitude rebelde em busca de identificação com novos círculos sociais mais amplos – ficam complicadas pela instabilidade do ambiente familiar. Como experimentar a agressividade com segurança se a confiança na sobrevivência da família encontra-se comprometida, com sua existência sendo até mesmo negada? É de se imaginar que a fantasia inconsciente de culpa adquire aqui maior complexidade. Qual o sentido de se buscar a independência no relacionamento com ambientes distantes do lar, se o retorno inconsciente ao *holding* provido pela família não faz mais sentido? Se o adolescente já traz em si uma capacidade restrita para confiar – já que vive sob o registro do risco de violação de seu *self* central –, como fica essa capacidade após a experiência de se sentir traído de fato?

Ao se deparar com a perda da família que existia até então, Mano vê sua segurança posta em cheque, e conseqüentemente sua necessidade de colocá-la à prova sofre a influência das mudanças bruscas em seu ambiente.

A respeito da segurança – que remete aos cuidados providos à criança durante seu desenvolvimento emocional primitivo – podemos dizer que decorre de sua conquista no processo de maturação a necessidade de testá-la. Dessa forma, o indivíduo dá liberdade à expressão de seus impulsos espontâneos e agressivos (que fazem parte da conquista de uma identidade própria), ao mesmo tempo em que se certifica se os limites e o controle dos pais encontram-se ainda disponíveis para proteger o indivíduo dos efeitos de seus próprios impulsos.

Por que cabe aos adolescentes especialmente empreender tais testes? A resposta parece ser que os adolescentes começam a encontrar em si próprios uma nova gama de sentimentos fortes e até amedrontadores, e desejam verificar se os controles externos ainda estão de pé. Mas, ao mesmo tempo, querem provar serem capazes de romperem esses controles e estabelecer a si próprios como pessoas autônomas. (WINNICOTT, 1965c, p. 47)

Os adolescentes que puderam crescer amparados por um ambiente facilitador na infância, bem como pela segurança que o acompanha, tendem a acreditar que a família continuará reassegurando o sentido de confiança que fora introjetado. Ao mesmo tempo, esperamos que, com a conquista gradual da independência, o indivíduo seja capaz de conservar em alguma medida seu sentido de segurança, a despeito de condições ambientais adversas como, por exemplo, a desintegração da família.

A condição de Mano frente ao seu novo ambiente familiar parece impor-lhe uma dificuldade dupla: sua raiva e agressividade encontrando eco na frustração decorrente do desmoronamento de seu lar, e sua falta de segurança no ambiente, já que a proteção relativa aos contornos providos pela família parece não mais existir.

Contudo, a despeito das profundas mudanças na configuração familiar de Mano, percebemos que os pais não deixam de estar disponíveis enquanto pais, mesmo após o término de seu relacionamento marital.

Ao sair de casa e assumir seu novo gênero de escolha objetal, Horácio segue se permitindo ocupar sua função de pai e exercer um papel de adulto responsável pela continência da imaturidade de seus filhos. Além de buscar ativamente manter o contato e a proximidade afetiva com eles, oferece o confronto não retaliador às suas expressões de agressividade e de imaturidade quando, por exemplo, ignora o pedido de Mano para que não o busque mais na escola (mesmo que sem sucesso em sua tentativa de fazê-lo entrar no carro): “Você quer que eu abandone a minha função de pai?”

Comparece à apresentação na escola da peça de teatro escrita por Pedro (irmão mais velho de Mano, de 17 anos). Seu namorado, Gustavo, chega também depois e senta-se algumas fileiras atrás de Horácio. Quando Mano o vê, rapidamente se levanta e liga para seu pai, mandando-o embora imediatamente junto com Gustavo. Horácio permanece até o fim da peça (assim como Gustavo), aplaude o espetáculo e, dessa maneira, sobrevive aos ataques de seus filhos, mostrando que ainda se encontra disponível para ser tanto amado quanto odiado, encarando o desafio sem lançar mão de atuações retaliadoras.

Quando os ataques de Pedro e de Mano se voltam para a homossexualidade do pai, este não abre mão de seus valores e de seu senso moral e, confiando em sua maturidade, oferece mais uma vez o enfrentamento, contendo a intempestividade de seus filhos ao apontar o preconceito de suas atitudes. Quem ataca Horácio de modo mais contundente é Pedro que, na conversa em que seu pai revela (com bastante dificuldade) sua homossexualidade, chama-o de “viado” de maneira bastante hostil. Horácio retruca de maneira enérgica: “Que preconceito é esse, moleque? Você vem com preconceito agora, rapaz! Foi essa a educação que eu te dei?”. Trata-se de um enfrentamento humano, e por isso sentido como real: *“As crianças requerem do pais algo além do amor; requerem algo que continue vivo mesmo quando os filhos são odiados, ou fazem por sê-lo”* (WINNICOTT, 1957b, p. 64).

Vemos que o fato de Mano ter um irmão com quem pode dividir suas ansiedades e compartilhar de sua raiva e desamparo tem uma função bastante importante para ele. Quando a notícia da homossexualidade de Horácio se espalha

pela escola dos filhos e Mano leva uma surra de alguns garotos que consideram que ele “tá sujando o nome da nossa escola”, é Pedro quem o acolhe e provê um *holding* para seu sofrimento, abraçando-o em silêncio. De maneira geral, a união entre irmãos dentro da família desempenha um papel relevante na medida em que, “... *no centro de tudo, reside a relação de todos e de cada um com o pai e a mãe e, por mais que isso faça os irmãos odiarem-se uns aos outros, a ação aglutinadora é maior, e o próprio ódio tem a oportunidade de afluir e manifestar-se com segurança*” (WINNICOTT, 1960, p. 133).

É também de extrema importância a maneira como a mãe de Mano, Camila, legitima que Horácio siga no exercício de sua paternidade, a despeito de um possível ressentimento que sinta por ele. Quando vai buscar Mano em uma festa, conta-lhe que seu pai ligou falando de sua vontade de encontrar os filhos e que se preocupa com eles. Mano, então, evoca o fato de Horácio ser “boiola”, ao que Camila lhe responde: “Cala a boca! O que você entende da vida?”. Ela tampouco abdica de sua função de oferecer o confronto à rebeldia e aos impulsos de agressividade que seus filhos lhe dirigem, mostrando que, de alguma forma, a família continua disponível e resistente aos testes da segurança que os adolescentes realizam. Os controles externos permanecem atuantes, ainda que a família nuclear não exista mais em sua configuração original.

Vemos também que Horácio e Camila seguem se relacionando pautados por sua condição de pais e pela maturidade que lhes permite se considerarem responsáveis pelo desenvolvimento emocional de seus filhos. O fim de seu casamento não os impede de procurarem apoio mútuo nas questões que concernem à saúde de Mano e de Pedro. Quando este atravessa um término doloroso de seu relacionamento com a namorada e começa a se auto-medicar, Camila conversa com Horácio, que se prontifica a buscar atendimento psicológico para o filho. Nessa ocasião, falam também sobre a maneira como Mano está enfrentando a situação do divórcio e o namoro do pai, e da possibilidade de trocarem os filhos de escola. Demonstram assim sua capacidade para seguir cooperando no cuidado dos filhos.

É evidente que o desmoronamento do lar de Mano tem um peso significativo na maneira como ele vive as questões pertinentes à sua adolescência. A aceitação da destrutividade dentro do *self* encontra um percalço no fato da idealização da família enquanto um ambiente indestrutível estar abalada. A culpa relativa à fantasia inconsciente de assassinato dos pais ganha maiores proporções, já que as falhas e fragilidades destes tornam-se mais evidentes. A passagem para a cultura e para círculos sociais mais largos fica dificultada, na medida em que o retorno ao círculo de segurança familiar rompido parece não ser um caminho viável; a família não está mais no final do caminho de volta – pelo menos não a unidade familiar que se conhecia até então. A desconfiança quanto às identificações com modelos parentais – que, via de regra, constituem por si só uma ameaça ao núcleo da personalidade – parece encontrar justificativa na traição que representou o divórcio dos pais.

Seguindo a argumentação de que não existe um bebê, no estágio inicial de seu desenvolvimento, sem que haja uma mãe para lhe sustentar, Outeiral acrescenta que:

... Não existe mãe sem pai e que mesmo a ausência deste é, paradoxalmente, uma presença marcante. Sigo a linha de pensamento de Donald Winnicott que ao escrever que não existe bebê sem mãe está também registrando que não existe mãe, nem bebê, sem pai, sem família.

A família passa de fato a não conseguir mais cumprir o seu papel de proteger do trauma seus membros imaturos quando, *“nos casos mais infelizes, um estado de caos origina-se da extrema dificuldade entre os pais, dificuldades que tornam impossível a cooperação de ambos, mesmo no que toca ao cuidado das crianças por eles amadas”* (WINNICOT, 1957b, p. 67).

Entretanto, o tempo leva Mano a perceber que, embora a relação marital entre seus pais – que parecia sustentar a unidade familiar até então – não exista mais, a união de ambos enquanto figuras parentais sobrevive à desintegração do lar, que de fato não existe mais em sua antiga configuração. A insistência de Horácio em não abandonar sua função dentro da família no que esta tange ao cuidado dos filhos – assim como a legitimação de Camila do papel de pai de seu ex-marido e a sobrevivência do vínculo de caráter parental entre ambos – acaba por tornar possível

uma reconciliação de Mano com seu ambiente familiar. Mais do que o fim do casamento de seus pais, é a fantasia de desintegração familiar que lhe traz a necessidade de testar o ambiente para conferir se os limites externos e o amparo da família ainda se encontram disponíveis, ou se de fato ele foi abandonado. No final das contas, o pai sobrevive, a mãe sobrevive, os filhos também sobrevivem. A família pode, desta forma, permanecer viva na realidade psíquica interna de Mano, e seguir sendo um ambiente facilitador para o desenvolvimento de sua adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos deste trabalho, quisemos refletir acerca da adolescência e dos processos maturacionais pertinentes a esta etapa do crescimento, dando ênfase ao desenvolvimento emocional saudável. Quisemos também apontar a maneira pela qual a família deve contribuir para que o jovem viva plenamente sua adolescência, encontrando no lar um ambiente facilitador para a fase de maturidade em que se encontra.

O uso da teoria winnicottiana e da proposta de desenvolvimento emocional feita pelo autor permitiu que contemplássemos a adolescência enquanto uma fase essencialmente saudável, na qual são revisitadas questões relativas à maturação do início da vida do indivíduo ao mesmo tempo em que há uma luta por se identificar com círculos sociais cada vez mais largos sem abrir mão da continuidade pessoal. Através deste processo, o indivíduo dá seqüência a sua trajetória rumo à independência em busca de uma identidade própria e de autonomia nunca antes experimentada. Enquanto isso, atravessa um período no qual não consegue se sentir real, tendo de encontrar formas de lidar com a instabilidade de seu sentido de *self*. Trata-se de um período que deve ser efetivamente vivido em toda a riqueza da imaturidade, da irresponsabilidade e do idealismo a que o jovem tem direito.

Foi também possível encontrarmos um terreno fértil para pensarmos qual o papel da família no desenvolvimento do adolescente, e de como os pais agem quando conseguem permanecer disponíveis e seguir provendo um ambiente facilitador para seus filhos. Tornou-se claro como o adolescente necessita da continência de um ambiente capaz de suportar seus acessos de agressividade e sua destruição criativa do círculo familiar, bem como acolher suas recaídas à dependência que faz ressurgir necessidades primitivas do desenvolvimento emocional.

Os limites colocados pelo ambiente protegem o rapaz ou a moça de seus próprios impulsos novos e amedrontadores, certificando-lhe de que ainda pode contar com a segurança que de alguma forma garante a continuidade de sua experiência. É necessário que adultos não fujam da tarefa de prover um confronto pessoal aos adolescentes, um enfrentamento vivo e humano que ofereça uma espécie de moldura

para a imaturidade e a irresponsabilidade dos adolescentes. A família parece ser a unidade social mais indicada para dar cabo desta tarefa.

Com base nas reflexões suscitadas a partir da obra de Winnicott e de suas idéias sobre a adolescência e o papel da família, podemos considerar preocupantes os resultados encontrados por Lapin (1983), cuja pesquisa aponta para a ausência de confrontos entre pais e filhos adolescentes. Estes optariam pelo conformismo e pela manutenção da moralidade e da tradição das gerações anteriores em detrimento do combate e do questionamento da família e das instituições sociais propagadas em seu interior. A autora relaciona esta postura conservadora dos jovens com o autoritarismo patriarcal exercido tanto pela família quanto pela sociedade em geral.

Sabemos que a conquista da maturidade vincula-se a uma reconciliação do adolescente com suas figuras parentais; ele passa a aceitar o meio-termo entre uma identificação com seus pais e com suas imagens idealizadas da infância e sua necessidade de se rebelar violentamente contra eles. O processo pode ser amenizado pelos deslocamentos, pelas identificações cruzadas e pelas experiências culturais. Contudo, a conquista do jovem da maturidade adulta não pode ser atingida sem uma deposição violenta. Via de regra, se tal processo não for silenciado ou tolhido, faz-se sentir pelas turbulências no lar e pela implacabilidade da fantasia inconsciente que resvala para o ambiente familiar. Apesar do desejo de muitos pais e de seus esforços para negar a vitalidade que subjaz ao desenvolvimento, saúde não é sinônimo de tranquilidade.

A análise do filme “As Melhores Coisas do Mundo” trouxe a possibilidade de se contemplar algumas questões apresentadas na introdução pertinentes à adolescência vivida dentro de famílias marcadas por dinâmicas da contemporaneidade. Será que as novas configurações familiares que se têm se apresentado e as mudanças que temos assistido relativas à economia dos cuidados dos filhos (BIRMAN, 2006) colocam a necessidade de revisarmos a descrição do papel da família, tal qual formulada por Winnicott?

Se hoje em dia não são raros os pais que permanecem casados até que seus filhos atinjam a idade adulta e estabeleçam sua independência tanto financeira quanto

emocional, a grande quantidade de crianças e adolescentes cujos pais são divorciados – ou até mesmo que constituíram novo casamento e tiveram novos filhos – salta aos olhos de maneira notável. É possível que, numa boa parte das salas de aula das grandes cidades, o número de alunos que não moram na mesma casa que seu pai (ou, na menor parte dos casos, que sua mãe) esteja ameaçando a supremacia daqueles cujas famílias mantêm o arranjo tradicional, talvez até constituindo franca maioria – fato que certamente não causa tanto espanto quanto a poucas décadas atrás. Entram em cena padrastos, madrastas, “meio-irmãos”, “irmãos” de outros casamentos do atual parceiro do pai ou da mãe que ganham credibilidade fraterna pela convivência no mesmo lar, fora todos aqueles novos familiares sem qualquer consangüinidade que passam naturalmente a levar a alcunha de “tio” ou “tia”, talvez numa tentativa emprestar parentesco a vínculos cuja natureza é um tanto nebulosa.

Em seu texto “Fatores de integração e desintegração na vida familiar”, Winnicott (1957b) explicita a idéia de que a maturidade dos pais capacita-os a conservar a unidade familiar a fim de continuar provendo às crianças e adolescentes o melhor ambiente possível para seu desenvolvimento emocional. Ao mesmo tempo em que coloca as dificuldades em se manter o casamento atreladas ao processo de crescimento que o pai e a mãe têm de continuar dando conta em suas vidas, fala daqueles que *“não eram suficientemente maduros à época do casamento”* (WINNICOTT, 1957b, p. 66) e da necessidade que estes podem ter de passar por uma adolescência temporã, ou de viver um amor romântico – que de maneira alguma constitui terreno propício para a constituição de uma família.

Se a contemporaneidade veicula uma cultura que parece sufocar a capacidade dos indivíduos de suportar as frustrações, enaltecendo condutas que privilegiam prazeres imediatos e as ações em detrimento da palavra e do pensar, não surpreende que indivíduos supostamente adultos tenham tanta dificuldade em manter suas estruturas matrimoniais. Não é raro vermos casais de celebridades ganhando destaque na mídia ao se divorciarem depois de poucos meses de casados. Muitas vezes percebemos casos próximos a nós de famílias que se desmancham, fazendo-se notar seus efeitos no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes. Contudo, será que podemos colocar toda a complexidade desta condição contemporânea que leva a

novas configurações familiares – incluída aí perspectiva de se priorizar desejos e projetos existenciais próprios em detrimento da manutenção da família nuclear (BIRMAN, 2006) – exclusivamente na conta da imaturidade dos pais? Até que ponto não estaríamos vendo a criação de novos dispositivos familiares e novos modos de prover ambientes capazes prover o *holding* e os cuidados de que as crianças e adolescentes necessitam ao quais ainda não se encontrou uma solução clara? São perguntas às quais não existem respostas simples ou livres de contra-sensos.

No mesmo texto comentado anteriormente, Winnicott (1957b) nos fala de pais que conseguem dar continuidade em sua tarefa de facilitar o desenvolvimento de seus filhos e conduzi-los de maneira satisfatória à maturidade adulta, a despeito de terem tido a necessidade de desfazerem a unidade familiar de origem ou até mesmo de terem construído outra. O autor não faz mais do que citar esta possibilidade; cabe a nós pensarmos o que acontece quando os pais seguem representando um ambiente facilitador para a criança ou o adolescente apesar da unidade familiar não estar mais disponível, tema que poderia instigar pesquisas interessantes.

Embora Birman (2006) afirme que ainda não encontramos dispositivos capazes de substituir a família nuclear de arranjo tradicional, algumas idéias vêm à mente ao nos debruçarmos sobre o caso de Mano e como, de alguma forma, a coesão familiar sobrevive à separação de seus pais. Embora fora do âmbito de uma relação marital, Camila e Horácio continuam disponíveis e vinculados enquanto figuras parentais e seguem oferecendo tanto o confronto do princípio de realidade quanto os limites e controles externos não retaliadores. É claro que essa forma de lidar com a situação do desmoronamento do lar original não é feita livre de percalços e turbulências. Surge de maneira não intencional, fruto da postura franca e humana adotada por toda a família. Parece não haver espaço para soluções simples e instruções claras do que fazer, à maneira de receitas de bolo (afinal, em se tratando de seres humanos, existe algo deste tipo?).

A partir da discussão ao longo desta monografia, foi possível lançar luz sobre o processo de desenvolvimento do adolescente e o papel da família enquanto ambiente facilitador, de maneira que os objetivos do trabalho puderam ser contemplados de

modo satisfatório. Entretanto, para além do foco que se tentou abordar ao longo destas páginas, surgem novas dúvidas e questionamentos instigados também pela leitura da bibliografia utilizada. Como a contemporaneidade tem afetado a vivência da adolescência? Qual a importância dos novos laços de parentesco que surgem nas configurações familiares atuais? Como os papéis do pai e da mãe se distinguem dentro da família no que toca às suas particularidades no desenvolvimento emocional dos adolescentes? Espero que o presente trabalho possa instigar a curiosidade de seus leitores e disparar novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . BALABAN, A. *Da trama familiar à escuta do sujeito na clínica psicanalítica* (2009). Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC-SP.
- . BIRMAN, Joel. Tatuando o Desamparo. In: *Adolescentes*. Cardoso, Marta Resende (org.). São Paulo: Editora Escuta, 2006.
- . HERZOG, Regina; SALZTRAGER, Ricardo. O Sentido da Revolta Adolescente na Contemporaneidade. In: *Adolescentes*. Cardoso, Marta Resende (org.). São Paulo: Editora Escuta, 2006.
- . LAPIN. *Percepções de adolescentes: relações pais-filhos e características parentais* (1983). Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC-SP.
- . MAYER, Hugo. Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In: *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. Cardoso, Marta Resende (org.). Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001.
- . OUTEIRAL, José O. *As Idéias de Donald Winnicott sobre a adolescência* (2000). Disponível em <www.joseouteiral.com.br/artigos>
- . _____ *Famílias e Contemporaneidade*. Disponível em <www.joseouteiral.com.br/artigos>
- . PRATTA & SANTOS. *Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros* (2007). Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC-SP.
- . ROSA, M. *Adolescência: da Cena Familiar à Cena Social* (2002). Artigo disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200013&lng=pt&nrm=iso.htm>
- . SANTOS. *Repensando sobre a função de pais de adolescentes – uma visão winnicottiana* (1998). Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC-SP.
- . VOLNOVICH, Jorge. *A psicose na criança*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

- . WINNICOTT, Donald W. Desenvolvimento Emocional Primitivo [1945]. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- ._____ A Mente e sua Relação com o Psicossoma [1949]. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- ._____ A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional Normal [1950-55]. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- ._____ Psicose e Cuidados Maternos [1952]. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- ._____ A Adolescência das Crianças Adotadas [1955]. In: *Pensando sobre Crianças*. Shepherd R.; Johns J.; Robinson H. (org.). Porto Alegre: Artemed, 1997.
- ._____ A Preocupação Materna Primária [1956]. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- ._____ *A Criança e o seu Mundo* [1957]. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- ._____ Fatores de Integração e Desintegração na Vida Familiar [1957b]. In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ O Primeiro Ano de Vida [1958]. In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ Família e Maturidade Emocional [1960]. In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ O Relacionamento Inicial entre uma Mãe e seu Bebê [1960b]. In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ Segurança [1960c]. In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ Adolescência [1961]. In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

- ._____ O Desenvolvimento da Capacidade de se Preocupar [1963]. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- ._____ A Luta para Superar Depressões [1963b]. In: *Privação e Delinqüência*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo [1963c]. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- ._____ Moral e Educação [1963d]. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- ._____ Comunicação e Falta de Comunicação Levando ao Estudo de Certos Opostos [1963e]. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- ._____ Raízes da agressão [1964]. In: *Privação e Delinqüência*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ A Juventude não Dormirá [1964b]. In: *Privação e Delinqüência*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- ._____ O Preço de Desconsiderar a Pesquisa Psicanalítica [1965]. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ._____ O Conceito de Trauma em Relação ao Desenvolvimento do Indivíduo dentro da Família [1965b]. In: In: *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Winnicott, C.; Shepherd, R.; Davis, M. (org.). Rio de Janeiro: 1994.
- ._____ O Conceito de Indivíduo Saudável [1967]. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ._____ A Imaturidade do Adolescente [1968]. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ._____ O Brincar e a Cultura [1968b]. In: *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Winnicott, C.; Shepherd, R.; Davis, M. (org.). Rio de Janeiro: 1994.
- ._____ *O Brincar & a Realidade* [1971]. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1975.

._____ *Natureza Humana* [1988]. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.